Introdução

O futebol começou no Rio Grande do Sul nos últimos anos do século XIX. As primeiras bolas entraram pelo Porto de Rio Grande e pela fronteira com o Uruguai. Há notícias de práticas do chamado "esporte bretão" nas cidades de Uruguaiana e Livramento antes de 1900. Porém, o primeiro clube organizado exclusivamente para a prática do "novo" esporte, foi o Sport Club Rio Grande, fundado em 19 de julho de 1900, na sede da Sociedade Germânia. No ano seguinte, os pioneiros do Rio Grande começaram a fazer exibições em outras cidades do Estado, gerando a criação de novos clubes.

Segundo o historiador Hermito Lopes Sobrinho, de Santa Maria, o futebol já era praticado nos colégios maristas do Rio Grande do Sul desde 1879. Nessa cidade, o primeiro clube de futebol surgiu apenas em 1911, o Internacional, que não é o atual Inter-S.M., e o Riograndense no ano seguinte, no entanto o esporte era praticado pelos alunos do colégio Santa Maria desde 1903. Em Pelotas, o futebol foi apresentado em 6 de outubro de 1901, com uma exibição no Parque Pelotense, no bairro Fragata. Em 1903 houve uma apresentação do Sport Club União, também de Rio Grande, porém os primeiros clubes do futebol pelotense surgiram em 1906, o Esporte Clube Pelotas, em 1908 e o Grêmio Esportivo Brasil, em 1911.

Na região da fronteira, por influência uruguaia e argentina, o futebol começou a despertar o interesse dos brasileiros. Assim, em 1902, surgia o 14 de Julho de Livramento, 2º clube mais antigo do Estado e o 3º mais antigo em atividade no Brasil. O 14 é o 1º rubro-negro do futebol brasileiro e foi um dos fundadores da 1ª liga de futebol do Uruguai, em Rivera. Os seus fundadores costumam cruzar a fronteira para jogar o chamado "foot ball, pelota pata ou jogo da bola", como a atividade era mencionada pelo jornal La France, de Rivera, no Uruguai, em 1902. O futebol se espalhava pela fronteira-sul do Estado com a fundação de clubes importantes como o Guarany de Bagé, em 1907, o São Paulo, de Rio Grande, em 1908, o Rio-Grandense, em 1909, o Novo Hamburgo, em 1911, Esporte Clube Uruguaiana, em maio de 1912, o Riograndense de Santa Maria, em 12, o Santanense, em 1913, o Juventude, de Caxias do Sul, em 13, e o Ferro Carril, em 1916.

Em Porto Alegre, o Rio Grande jogou, pela primeira vez, em 7 de setembro de 1903. Uma semana depois, surgiam os primeiros clubes da Capital, fundados no dia 15: o Grêmio Foot Ball Porto-Alegrense e o Fuss-Ball Club Porto Alegre, que desapareceu nos anos 40. O Porto Alegre, também chamado pela imprensa da época como caturrita ou veterano, tinhas as cores verde e branca. Em 1923 inaugurou o seu estádio na rua José de Alencar, a Chácara das Camélias, que em 1942 passou a pertencer ao Nacional Atlético Clube. O Porto Alegre foi campeão da cidade em 1923, venceu o Torneio Início em 1925 e 1928 e obteve dois títulos da cidade no basquete, em 1939 e 1940. O clube tinha sede social e quadras de tênis. O primeiro jogo foi contra o Grêmio, dia 6 de março de 1904, com vitória tricolor, por 1 a 0. O Porto Alegre foi o pioneiro na profissionalização. Em 1927 formou um time profissional, contratando jogadores como o consagrado goleiro Lara, mas a experiência não deu certo. O time, porém, chegou a jogar algumas partidas, em 27, com Lara; Cazuza e Adroaldo; Cauduro, Delavaux e De Lorenzi (Andrade); Marroni, Mingo, Humberto Cabelli, Alberto e Nenê. A tentativa não deu certo e Lara, arrependido, retornou ao Grêmio, junto com Nenê. Cazuza era do Rio Grande, Marroni do Inter e Cabelli, ex-

Pelotas, estava em São Paulo e, mais tarde, foi técnico do Fluminense, em 35, e do Pelotas, em 1937.

A bola, objeto tão comum nos dias atuais, era raridade naquela época. Em Porto Alegre, o comerciante Cândido Dias da Silva havia ganho uma bola dos irmãos, que moravam em São Paulo. Mesmo sem saber praticar corretamente o "foot ball", ele reunia os amigos nos finais de semana para correr com a "pelota". No dia 7 de setembro de 1903, Cândido e o amigo Pedro Haefner foram, com a bola, assistir a exibição do Sport Club Rio Grande na chamada várzea, hoje parque da Redenção. Após o jogo, receberam informações sobre o esporte e de como criar um clube. Assim, na semana seguinte, dia 15, nascia o Grêmio Foot Ball Porto-Alegrense, com 31 sócio-fundadores.

O Rio Grande voltou a Porto Alegre em 1909. No dia 23 de maio, no estádio da Baixada, inaugurado pelo Grêmio em agosto de 1904, o Rio Grande derrotou o Grêmio por 2 a 1. Antes, no dia 4 de abril, nascia o Sport Club Internacional, o chamado clube do povo. Como o Grêmio e o Fuss Ball Club Porto Alegre eram agremiações elitistas, os irmãos Henrique, José e Luís Poppe, que haviam vindo de São Paulo para residirem na Capital gaúcha, não conseguiam espaços para participarem dos clubes. Assim, resolveram fundar um clube que seria aberto a todos, ricos e pobres. A reunião para a fundação do Sport Club Internacional ocorreu no porão da casa de João Leopoldo Seferin, na avenida Redenção, hoje João Pessoa, número 141.Seferin, com apenas 18 anos, foi eleito o primeiro presidente do clube.O nome é uma homenagem ao Internacional, clube de São Paulo. A criação do clube está noticiada na edição do Correio do Povo, do dia seis de abril. O jornal também anunciou, no dia 25 de abril, um Domingo, a inauguração do estádio, o "*ground*", da rua Arlindo, primeiro campo do Internacional. Nem mesmo a derrota de 10 a 0 para o Grêmio em sua primeira partida, no dia 25 de julho, diminui o ânimo dos adeptos do Internacional. A 1ª vitória veio logo no 2º jogo, com um 2 a 1 sobre o Militar Foot Ball Club, gols do atacante Vignoles.

No final da primeira década do século XX, a cidade de Porto Alegre ganhou outros quatro clubes. O Militar Football Club, formado por alunos da Escola de Guerra, jogava em um campo localizado na várzea, hoje Parque da Redenção, em frente ao atual colégio Militar. O Militar foi o primeiro campeão da cidade, em 1910. Poucos anos depois, porém, o clube deixou de existir e os principais jogadores passavam a jogar no Esporte Clube Cruzeiro, fundado em 1913. O Fuss-Ball Manchaft Frisch Auf foi absorvido pela Sociedade Ginástica, a Sogipa, enquanto que o Grêmio Foot-ball Sete de Setembro e o Sport Club Nacional desapareceram poucos anos depois. Na década seguinte, proliferaram times de futebol na Capital. Os mais importantes surgidos neste período foram o Sport Club Americano, em 1911. O clube chegou ao título estadual em 1928 e foi campeão duas vezes da cidade, em 1924 e 28, mas desapareceu nos anos 40, após ter revelado o zagueiro Luiz Luz, que jogou a Copa do Mundo de 1934. Em 1913 surgiram os resistentes Esporte Clube São José, no dia 24 de maio, e o Esporte Clube Cruzeiro, em 14 de julho. O Cruzeiro foi campeão da cidade em 1918, 1921 e 1929 e do Estado em 1929.

A ORGANIZAÇÃO DO ESPORTE

Com o decorrer do tempo e a proliferação de agremiações, passou a ser sentida a necessidade da organização de entidades para a promoção do esporte e a organização de campeonatos. A Liga Pelotense de Futebol, fundada em 1907, foi a primeira do Estado. Em Livramento, porém, o primeiro campeonato foi disputado em 1906. Em 1910 é criada a Liga de Futebol Capital e o primeiro campeonato foi vencido pelo extinto Militar, time formado pelos alunos da Escola de Guerra.

No dia 18 de maio de 1918, vários dirigentes do futebol da época de diferentes cidades se reuniram na sede da revista Máscara, no centro de Porto Alegre. O encontro foi definido como o primeiro Congresso do Futebol do Rio Grande do Sul e reuniu dirigentes de várias cidades. A idéia era unir as ligas existentes pelo Rio Grande em uma única, para a realização de disputas estaduais. A assembléia foi presidida por Francisco Simões Lopes, primeiro mandatário do E.C. Pelotas. No encontro, estavam presentes Victor Rodrigues, presidente do E.C. Cruzeiro e representante do E.C. Uruguaiana; Izoldo Leal, pelo 14 de Julho de Livramento; Araújo Vianna pelo Guarani de Cruz Alta; Francisco Simões Lopes representando os clubes de Pelotas e de Bagé; Nestor Fontoura pela Liga de Rio Grande, além de Aurélio Py, José Revello, Washington Martins e Antenor Lemos. Assim, nascia a Federação Rio-Grandense de Desporto, hoje Federação Gaúcha de Futebol. A primeira diretoria foi constituída pelo presidente Aurélio Py, o vice-presidente Francisco Simões Lopes, o tesoureiro Washington Martins e os secretários Nestor Fontoura e José Revello. A FRGD foi reconhecida oficialmente pela CBD, Confederação Brasileira de Desportos, no dia 10 de agosto.

O primeiro campeonato, que seria disputado por Cruzeiro (campeão de Porto Alegre), Brasil (campeão de Pelotas) e 14 de Julho (campeão de Livramento) foi cancelado em virtude da Febre Espanhola, que assolou o Estado. Assim, o Gauchão iniciou em 1919, com o Brasil campeão, ao vencer o Grêmio, na final, em Porto Alegre, dia 9 de novembro, por 5 a 1, gols de Proença (3), Alvariza e Ignácio para o Brasil, e Máximo, para o Grêmio. O jogo foi realizado no estádio da Baixada, no Moinhos de Vento, com a presença de mais de 3 mil torcedores. O Brasil foi campeão com Frank; Nunes e Ari Xavier; Floriano, Pedro e Babá; Farias, Ignácio, Proença, Alberto e Alvariza. O Grêmio: Demétrio; Pinto e Ary; Chiquinho, Dorival e Assumpção; Gertum, Lagarto, Máximo, Meneghinu e Bruno. Após o jogo do título e antes de retornar a Pelotas, o Brasil enfrentou a Seleção de Porto Alegre, no dia 11, e empatou em 3 a 3. O árbitro deste jogo foi Florêncio Ygartua. O Brasil, em 1919, também foi tricampeão pelotense. Naquele ano, ganhou todos os jogos do campeonato da cidade, que também contou com Pelotas, Ideal, Guarani, Rio Branco e União.

A disputa do estadual também teve a participação do 14 de Julho, de Livramento, que venceu o campeonato da sua cidade e eliminou o E.C. Uruguaiana na disputa regional. O primeiro jogo do estadual foi disputada no dia 19 de outubro, com vitória do Grêmio por 4 a 2 sobre o 14 de Livramento. O 14 jogou com Orestes Leite; Iruleghi e Simão; Rico, Pavancini e Martins; Costa, Zeca, Castelhano, Damiani e Choane. Das equipes de Brasil e 14 de Julho, os destaques eram Alvariza, pelo Brasil, e Castelhano, pelo 14. Os dois foram companheiros na Seleção Brasileira que disputou o Sul-Americano em 1920.

A festa, em Pelotas, foi grande. A delegação campeã viajou a bordo do vapor "Itaberá" e, após 16 horas de viagem, foi recepcionada por milhares de torcedores no porto de Pelotas. Houve queima de fogos e uma passeata até a Praça Osório, onde foram

prestadas homenagens aos campeões. Após, houve recepção festiva na sede do clube, localizada no humilde bairro da estação, onde o Brasil havia inaugurado o estádio,em 1916.

O estadual, nos primeiros anos, era dividido em 4º regiões e os vencedores de cada região disputavam o título gaúcho. A 1ª região era disputada pelos campeões de Porto Alegre, São Leopoldo e Caxias do Sul. A 2ª região era disputada por clubes de Bagé, Rio Grande e Pelotas. A 3ª, por equipes de Santa Maria, Cachoeira, Tupaciretã, Passo Fundo e Cruz Alta e a 4ª, tinha os clubes de Livramento e Uruguaiana. Em 1919 e 1920, a 3ª região não teve representante nas finais do estadual.

Em 1920, as finais do estadual foram disputadas em Pelotas, no estádio da avenida Bento Gonçalves, do Esporte Clube Pelotas. Na 1ª região, o Juventude derrotou o Juvenil na final do campeonato de Caxias do Sul. Em São Leopoldo, o campeão foi o Nacional e em Porto Alegre, o Grêmio, numa disputa contra outros cinco clubes: Inter, Cruzeiro, Porto Alegre, São José e Tabajara, pela ordem de classificação. A disputa regional começou com a vitória do Juventude, por 4 a 1 sobre o Nacional, o Grêmio venceu o Juventude por 3 a 0 no dia 24 de outubro e venceu a região ao empatar em 1 a 1 com o Nacional no dia 1º de novembro. Na 2ª região, o Guarany foi campeão de Bagé, o Ideal venceu em Pelotas e o São Paulo ganhou em Rio Grande. Na disputa regional, o Guarany venceu o Ideal por 2 a 0 e o São Paulo, por 3 a 2. Assim, Grêmio, Guarany e Uruguaiana disputariam as finais, em Pelotas, de 15 a 21 de novembro. No dia 15, o Guarany venceu o Grêmio por 1 a 0, gol de Grecco e no dia 18 o Grêmio venceu o Uruguaiana por 3 a 0. A delegação do Uruguaiana, no estadual, foi chefiada pelo jovem Oswaldo Aranha, aos 26 anos, que seria presidente da Assembléia Geral da ONU, em 1945. O título foi decidido no dia 21, com o Guarany vencendo o Uruguaiana por 1 a 0. O time campeão jogou com Felo Médici; Avancini e Granja; Souza Pinto, Desiério Seixas e Olicella; Argeu, Esteban "Ruival" Ruiz, Grecco, Baptista e Fortunato.

O título do Guarany, porém, só foi homologado na Assembléia Geral da Federação, pois o E.C. Ideal, de Pelotas, protestou contra a inscrição do uruguaio Alfredo Granja, que teria atuado pelo Peñarol no campeonato do seu país até o dia 5 de setembro do mesmo ano. A Federação, no entanto, não acatou o protesto pelotense.

A FORÇA DA FRONTEIRA

O Guarany representava a pujança econômica da fronteira sul do Estado. Pelotas, Brasil, Rio Grande, São Paulo, Rio-Grandense, Grêmio Bagé, Guarany, Uruguaiana, Ferro Carril, 14 de Julho e Grêmio Santanense montavam grandes equipes anualmente. Nas décadas de 10, 20 e 30, estes clubes rivalizavam, em igualdade de condições, com as principais equipes de Porto Alegre. O Pelotas, em 1919, por exemplo, foi derrotado pelo Brasil no campeonato mesmo tendo contratado jogadores como o goleiro paulista Tufy Negen, que disputou o Sul-Americano de 1925 pela Seleção Brasileira, ou os uruguaios Beto e Varela, que atuavam na seleção do seu país.

Pelotas era uma cidade rica e culturalmente evoluída. A pujança econômica realçava-se também no futebol. Na cidade foi disputado o primeiro jogo de futebol noturno que se tem notícia em todo o Brasil. Foi na noite de 25 de dezembro de 1915, quando foram inaugurados os refletores do estádio do Sport Club União, localizado na rua General Osório, esquina com 3 de maio. A cerimônia foi apresentada pelo Dr. Ildefonso Alves de Carvalho e o sistema de iluminação foi acionado pelo Capitão Leopoldo Haertel. No jogo

inaugural, o Brasil goleou o time da casa, o União, por 5 a 1. No dia seguinte, 26, novamente à noite, no festival de inauguração da iluminação, o União venceu o Rio-Grandense, de Rio Grande, por 6 a 1. Em Porto-Alegre, o primeiro estádio com sistema de iluminação foi o da Baixada, do Grêmio Porto-Alegrense, apenas em 1931, quando o tricolor inaugurou os seus refletores na noite de 28 de julho, com uma vitória de 2 a 0 sobre o Internacional, no clássico Gre-Nal, número 36.

Em 1921, o campeonato da 1ª região teve Grêmio, Nacional de São Leopoldo, Montenegro e Juventude de Caxias do Sul. O Juventude ganhou as duas primeiras partidas que disputou, contra Grêmio e Nacional. Porém, a F.R.G.D. puniu o clube de Caxias do Sul com seis meses de suspensão, pela inscrição irregular do uruguaio Conrado Ross, que havia jogado pelo Peñarol no mesmo ano. No Juventude ele aparecia com o nome de Américo Rossiz. O Juventude, em 1921, tinha o seguinte time: Nicolau; Salim e Bortogaray; Luise, Ártico e Leonardo; Pepito, Idemar, Martinez, Ross e Zeneles. Nesta formação haviam cinco uruguaios: Bortogaray, Luise, Martinez, Leonardo e Ross, que foi campeão gaúcho em 1927 pelo Internacional e, depois, jogou no Pelotas. Com a eliminação do Juventude, o Grêmio venceu o Montenegro duas vezes, dias 15 e 22 de outubro, por 4 a 1 e 8 a 0, respectivamente, e obteve vaga nas finais do estadual.

Na 2ª região, o Brasil de Pelotas goleou o São Gabriel por 7 a 0. O Rio-Grandense, de Rio Grande, também goleou o time de São Gabriel, fez 8 a 0 e decidiu o título da região com o Brasil. O time de Pelotas levou a melhor e venceu por 2 a 1. Na 3ª região, o Riograndense de Santa Maria foi o campeão. Os seus adversários foram o Guarani de Cruz Alta, o 7 de Setembro de Tupaciretã e o Cachoeira. O Riograndense ganhou do Cachoeira por 5 a 0, do 7 de Setembro por 4 a 1 e do Guarani, no dia 10 de outubro, no estádio dos Eucaliptos, em Santa Maria, por 1 a 0, gol de Lobo, de pênalti, no 2º tempo. O árbitro foi Gentil Amaral. O Riograndense jogou com Marcelino; Lauda II e Corrêa; Tealdo, Lauda I e Lemos; Salles, Willy, Lobo, Mosquito e Petronilo. Na 4ª região o vencedor foi o Uruguaiana. A equipe jalde negra venceu o Quaraí, o 14 de Livramento e o Guarani de Alegrete. As finais, em Porto Alegre, reuniram Grêmio, Brasil, Uruguaiana e Riograndense-SM. O Grêmio ganhou do Riograndense, dia 13 de novembro. No dia 15, o Brasil ganhou do Uruguaiana por 1 a 0. No dia 19, o Riograndense fez 4 a 1 no Uruguaiana, que tinha o goleiro Felo, campeão do ano anterior pelo Guarani. No dia 20, o Grêmio empatou com o Brasil, em 1 a 1. Na última rodada, o Riograndense venceu o Brasil por 2 a 1. O Grêmio venceu o Uruguaiana por 1 a 0, no dia 24 e sagrou-se campeão do Estado pela primeira vez. O Grêmio campeão: Lara; Jorge Py e Neco; Gertum (Braulio), Dorival e Meneghini; Assumpção, Lagarto, Bruno, Ramão e Barros (Loureiro). O Riograndense ficou em 2º, o Brasil em 3º e o Uruguaiana em quarto lugar. Em 1922, o Grêmio sagrou-se bicampeão estadual. O campeonato não foi disputado em 1923 e 1924.

O FUTEBOL ELITISTA E OS NEGROS

O time campeão de 1920, o Guarany, de Bagé, era uma verdadeira miscigenação, com a presença de uruguaios e negros. Os uruguaios campeões eram Grecco, Ruival e Granja. O time também apresentava jogadores negros e mulatos. O futebol na época, ao contrário aos dias atuais, era elitista. Os negros e os pobres não tinham vez. Em Porto Alegre, de 1903 a 1909, existiam apenas dois clubes, o Grêmio e o Fuss Ball, eram formados, basicamente, por descendentes de alemães. O Inter foi fundado por comerciantes

e integrantes da classe média. O Cruzeiro, fundado em 1913, era composto por jovens de famílias influentes na época. No Rio de Janeiro, o Vasco da Gama foi campeão carioca em 1923 apresentando vários negros no time. O preconceito, porém, foi cruel e condenou o Vasco a não disputar o campeonato do ano seguinte. Os clubes adversários, com medo dos pobres, negros e craques do Vasco da Gama comprovaram que os jogadores da equipe campeã recebiam salários de empresas dos diretores do clube, mas não cumpriam horário fixo de trabalho. Sem o Vasco no campeonato de 24, o caminho para o título ficou livre para os aristocráticos clubes da zona sul da cidade: Fluminense, Botafogo e Flamengo. No Rio de Janeiro, o primeiro negro aceito em um clube de futebol da 1ª divisão foi Francisco Carregal, pelo Bangu, em 1905, mas esta não era a prática comum da época. No Fluminense, por exemplo, o mulato Carlos Alberto, em 1914, usava uma maquiagem para ficar "mais branco".

Apesar de o Vasco ser considerado o primeiro clube a abrir espaço amplo para negros e pobres, o Guarany, de Bagé, campeão de 20, já tinha mulatos e negros na sua equipe. Em Porto Alegre e Pelotas, por exemplo, os dois centros mais desenvolvidos do futebol da época, os negros criaram ligas independentes de futebol. Em Porto Alegre foi formada, no final da década de 10, a Liga da Canela Preta, a Liga Nacional de Futebol Porto Alegrense, com jogos no antigo campo do Internacional, na ilhota, onde hoje está situada a praça Sport Club Internacional, próximo ao hospital Porto Alegre. A Liga começou no final da década de 10 e formou times poderosos até a década de 30. Primavera, Bento Gonçalves (famoso clube que excursionou com êxito pelo interior do estado em 1923), União, Palmeiras, Primeiro de Novembro, Rio-Grandense, 8 de Setembro, Aquidabã e Venezianos foram alguns dos times da Liga da Canela Preta. Em 1922, a liga oficial, a APAD, criou sua segunda divisão e nela abriu oportunidades para jogadores e clubes negros, fato que os atraiu progressivamente, acionando uma lenta e gradual decadência da Liga da Canela Preta. O Rio-Grandense era o clube dos mulatos e o seu presidente era Francisco Rodrigues, pai do famoso compositor Lupicínio Rodrigues.

Em 1922, a Associação Porto-Alegrense de Desporto, a APAD, criou a 2ª divisão do campeonato da cidade, onde era permitida aos clubes menores a utilização de jogadores afro-descentes e de origem humilde. Porém, não havia promoção à 1ª divisão. Em Pelotas, a liga negra era a José do Patrocínio, cujo campeonato já era disputado em 1920, quando o campeão foi o S.C. América do Sul. Em 1923 e 1924, com a revolução federalista, o campeonato estadual não foi disputado e vários campeonatos municipais também não ocorreram. Em Pelotas, a Liga José do Patrocínio não parou: o S.C. América do Sul foi novamente campeão. Em Rio Grande, a Liga Rio Branco também era formada, exclusivamente, por equipes com jogadores negros.

O FIM DO PRECONCEITO

No entanto, os principais clubes resistiam ao talento e à força do futebol dos negros. Em 1928, o campeão do Estado foi o Americano, com os negros Alegrete, goleiro, e Barulho, meio-campista. O Americano, entre os principais clubes de Porto Alegre, foi o pioneiro a quebrar o preconceito; Cruzeiro e Inter, ainda em 1928, e São José logo após, seguiram o exemplo. O primeiro negro a jogar no Inter foi Dirceu Alves, em 1928. Dirceu, porém, teve passagem rápida pelo Inter: de setembro de 1928 a maio de 1929, jogou apenas 10 partidas com a camisa do Internacional. Depois de Dirceu, o Inter passou a acolher,

paulatinamente, jogadores oriundos da Liga da Canela Preta, como Chatinho, Bagre, Davi e Natal, originando, na década de 30, os apelidos de "clube dos negrinhos" e "clube do povo". Porém, o aproveitamento dos negros ainda era tímido na década de 30 e somente a partir de 1940 é que passou a ser feito em grande número pelos principais clubes da cidade, como Internacional, Cruzeiro e São José. O Nacional, de origem ferroviária e humilde, desde a sua fundação, em 1936, sempre aceitou negros e pobres, assim como o Grêmio Esportivo Força e Luz. Nas décadas de 20 e 30, os negros jogavam em clubes menores ou somente na sua Liga da Canela Preta. Assim, clubes como o S.C. Ruy Barbosa, situado na antiga colônia africana, Concórdia F.B.C., S.C. Municipal, Bancário, de Vicente Rao e S.C. Marechal de Ferro formaram fortes equipes nas décadas de 20 e 30. O Americano, que tinha o seu estádio na rua Veador Porto, foi campeão da cidade em 1924 e 1928 e do Estado, em 1928, contando com jogadores de origem humilde em sua equipe.

O Grêmio, oficialmente, abriu suas portas aos jogadores negros somente em 1952, com a contratação do consagrado Tesourinha, que estava no Vasco da Gama. Tesourinha havia brilhado no Internacional, de 1940 a 1948, época do famoso rolo compressor do Inter, que ganhou oito títulos nestes nove anos de Tesourinha. Após jogar no Vasco, estreou no Grêmio, no dia 16 de março de 1952, numa vitória de 5 a 3 sobre o Juventude, em Caxias do Sul. Tesourinha jogou no Grêmio nas temporadas de 1952, 1953, 1954 e 1955. Osmar Fortes Barcellos, o Tesourinha, começou a jogar no Nacional e, em 1939, passou para o Inter. A sua estréia no time principal do Inter ocorreu no dia 23 de outubro daquele ano, com uma vitória de 2 a 1 sobre o Cruzeiro, pelo campeonato da cidade. Em 1956 ele retornou ao Nacional, onde disputou os campeonatos de 56 e 57 e encerrou a carreira, aos 36 anos. No retorno ao Nacional, seu primeiro jogo oficial foi na estréia do campeonato da Divisão Especial, dia 9 de junho, na Chácara das Camélias, com uma vitória por 3 a 1 sobre o Força e Luz. O Nacional jogou com Dóia; Pinga e Ortunho; Quito, Milton e Marinho; Tesourinha, Miroca, Sanchez, Telmo e Caio.

Apesar de Tesourinha, oficialmente, ser o primeiro, o Grêmio já havia contado, desde a década de 20, com jogadores de origem negra em suas equipes. Adão Lima, que jogou no Grêmio de 1925 a 1935, é um dos exemplos. Na década de 40, Hélio e Mário Carioca são outros casos de afro-descendentes nas equipes tricolores, assim como o atacante Hermes da Conceição, que jogou no clube de 1947 a 1950. Ele foi o autor de um dos gols da vitória do Grêmio, 3 a 1, sobre o Flamengo, no Maracanã, em 1950, na primeira vitória gaúcha no maior estádio do mundo e acabou vendido ao Flamengo logo em seguida. O lendário goleiro Eurico Lara, vindo do E.C. Uruguaiana para o Grêmio em 1920, era mestiço e de origem humilde. Ele atuou no tricolor até 1935, foi ídolo da torcida e acabou imortalizado por Lupicínio Rodrigues na letra do hino do clube.

O ESTILO GAÚCHO NA SELEÇÃO BRASILEIRA

Em 1920, o Brasil de Pelotas disputou o 1º Campeonato Brasileiro, no Rio de Janeiro, contra Fluminense e Paulistano-SP. O destaque foi Alvariza, convocado para disputar o Sul-Americano de 1920, no Chile. Alvariza foi o primeiro jogador de clube gaúcho convocado pela Seleção Brasileira. No Sul-Americano, a Seleção, também, teve o atacante Cipriano Nunes da Silveira, o Castelhano, de Livramento, e dois ex-jogadores do

Grêmio: Kuntz e Sisson, que atuavam no Flamengo. Castelhano jogou de 1907 a 1929 no 14 de Julho da sua cidade, mas em 1920, quando convocado, estava no Santos. No Sul-Americano do ano seguinte, estava o atacante Aníbal Torres Candiota, gaúcho de Bagé, que havia sido campeão de Porto Alegre pelo Cruzeiro em 1918, mas atuava no Flamengo-RJ. A Seleção Brasileira, desde 1916, com Kuntz e Sisson, conta com a garra e o talento dos jogadores gaúchos.

Na primeira Copa do Mundo, em 1930, no Uruguai, o RS esteve representado por Moderato Wisintainer, o antigo ponteiro-esquerdo Moderato, do Flamengo, o pioneiro. Ele nasceu em Alegrete, em 1906, começou no 14 de Julho de Santa Maria, foi campeão de Porto Alegre pelo Cruzeiro em 1921, jogou no Flamengo de 23 a 30 e encerrou a carreira no Guarany, de Alegrete, em 1931. Em 1934, na Segunda Copa do Mundo, estavam Luiz Luz, zagueiro do Americano, o capitão da Seleção Brasileira Martim Silveira e o zagueiro Octacílio Pinheiro. Os bageenses Silvera e OctAcílio começaram no Guarany, de Bagé, mas defendiam o Botafogo-RJ. Na Copa da Itália, também estavam o ponteiro-esquerdo paranaense Patesko, que começou a jogar no Força e Luz, de Porto Alegre, e o paulista Canalli, que encerrou a carreira no Cruzeiro.

De lá para cá, a Seleção Brasileira sempre contou com a força do jogador gaúcho. Nena, Adãozinho, Juvenal Amarijo, Noronha e Chico, em 1950; Paulinho de Almeida em 1954, Oreco em 1958, Mengalvio em 1962, Alcindo em 1966, Everaldo em 1970, Valdomiro e Carpeggiani em 74, Batista em 78, Falcão e Batista em 82, Mauro Galvão, Branco, Falcão e Valdo em 86; Renato Portaluppi, Mauro Galvão, Taffarel, Valdo, Dunga e Branco em 1990; Dunga, Taffarel, Gilmar e Branco em 1994; Dunga, Émerson e Taffarel em 98 e Ronaldinho e Lúcio em 2002. O catarinense Mengálvio, de Laguna, começou a jogar no Aimoré, de São Leopoldo, em 1958. Ele foi vendido ao Santos em 1960, após disputar o Pan-Americano da Costa Rica pela Seleção Brasileira. Falcão e Valdo, também catarinenses, começaram a jogar no Inter e no Grêmio, respectivamente, Na Copa do Mundo de 74 esteve o ponteiro-direito Valdomiro Vaz Franco, que começou no Comerciário,de Criciúma, sua cidade, em 1967, e, no ano seguinte, já defendia o Inter, onde jogou por 14 anos e conquistou 10 títulos estaduais e três brasileiros. O maior craque do Rolo Compressor do Internacional, hexacampeão estadual nos anos 40, foi o ponteiro-direito Osmar Fortes Barcellos, o Tesourinha. Ele, já atuando pelo Vasco da Gama, era titular da Seleção, mas lesionou o joelho direito dois meses antes do mundial de 1950. Pela Seleção, Tesourinha disputou os Sul-Americanos de 45, 47 e 49. Na preparação à Copa de 50, também foram convocados o goleiro Sérgio, Clarel e Geada, todos do Grêmio. Em 62, Aírton, Calvet e Chinesinho foram cortados, antes da viagem para o mundial do Chile. Na preparação ao Mundial de 66, Flávio Minuano esteve entre os relacionados. O Brasil foi pentacampeão em 2002 com o comando do gaúcho Luís Felipe Scolari, o Felipão, ex-zagueiro do Aimoré e do Caxias nos anos 70. O auxiliar técnico foi o pelotense Mortoza.

BRASIL, UM XAVANTE PIONEIRO

O Grêmio Esportivo Brasil, de Pelotas, da fanática torcida Xavante, disputou o primeiro campeonato brasileiro interclubes. A disputa, organizada pelo CBD, ocorreu no Rio de Janiero, com jogos no estádio das Laranjeiras, do Fluminense, em 1920. A CBD decidiu realizar um torneio entre os campeões estaduais para auxiliar na formação da

Seleção Brasileira para as disputas dos Jogos Olímpicos e do Campeonato Sul-Americano de futebol. Foram convidados e disputaram o campeonato, o Fluminense, campeão do Rio de Janeiro, o Club Atlético Paulistano, campeão de São Paulo, e o Grêmio Esportivo Brasil, de Pelotas, campeão gaúcho.

O convite foi aceito pela direção do Brasil e a delegação embarcou no dia 15 de março para o Rio de Janeiro, pelo vapor "Itapema". As despesas da viagem foram custeadas pela Confederação Brasileira de Desportos. O Paulistano era tricampeão paulista e o Fluminense era tricampeão carioca. O Brasil levou 16 jogadores. O chefe da delegação foi o presidente do clube, Augusto Simões Lopes. Os dirigentes rubro-negros Vicente Russomano, João Carlos Machado e João Silveira, além de Antenor Lemos, representando a F.R.G.D., e o jornalista Florentino Paradeda, do Diário Popular. A delegação chegou no dia 19 no Rio de Janeiro. O "Torneio dos Campeões" começou com o jogo do Brasil contra o Paulistano, no dia 25. O Paulistano venceu por 7 a 3. O time paulista, tricampeão do seu Estado, jogou com Arnaldo; Carlito e Orlando; Sérgio, Mariano e Clodoaldo; Zonzo, Mário Andrade, Friedenreich, Araújo e Cassiano. Arthur Friedenreich foi principal craque do futebol brasileiro nas primeiras décadas do século passado. Ignácio, Proença e Alberto fizeram os gols do Brasil neste jogo. O time jogou com Franck; Nunes e Zabaleta; Floriano, Rossel e Babá; Farias, Alberto, Proença, Ignácio e Alvariza. O Paulistano também derrotou o Fluminense, por 4 a 1, e conquistou o título. No último jogo do torneio, dia 2 de abril, o Brasil foi derrotado pelo time da casa, o Fluminense, por 6 a 2.

Após o torneio, o Brasil disputou mais três amistosos. No Rio de Janeiro, a equipe gaúcha venceu o São Cristóvão, por 5 a 1, no dia 8 de abril. Em São Paulo, o Brasil realizou dois amistosos. O primeiro foi contra o Palestra Itália, atual Palmeiras, no dia 13 de abril. O Brasil perdeu por 2 a 1. Os gols do Palestra foram marcados por Caetano e Heitor Domingues, titular da Seleção Brasileira no Sul-Americano do ano anterior. No último jogo, no dia 15 de abril, o Brasil empatou em 4 a 4 com o Corinthians Paulista.

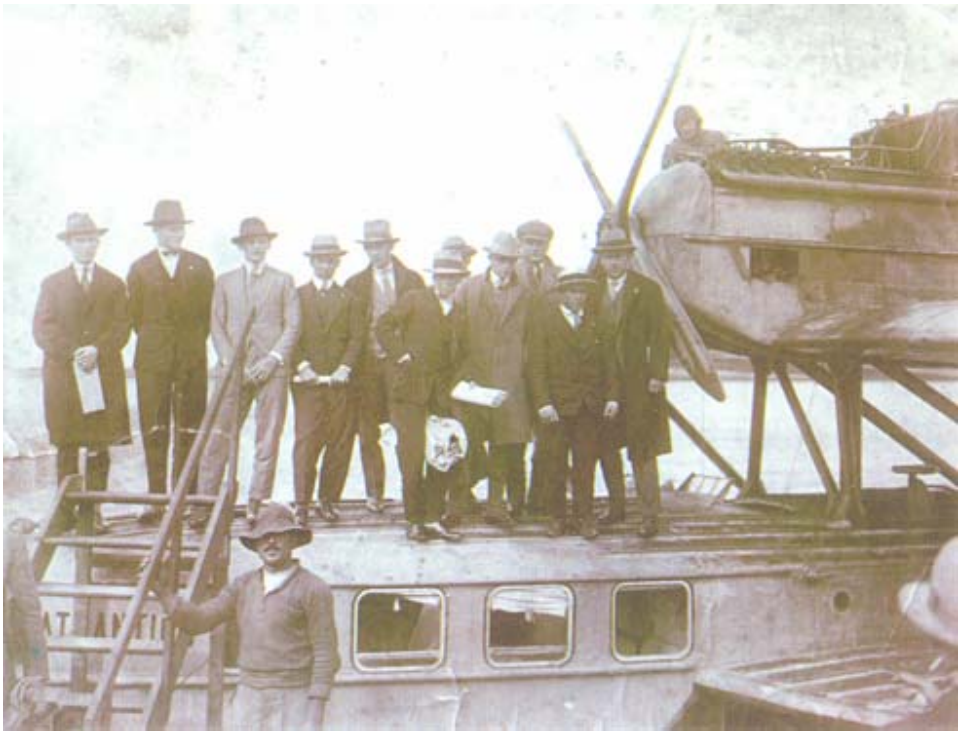
A viagem de volta começou no dia 19 e novamente foi realizada pelo vapor "Itapema". O desembarque ocorreu no porto de Rio Grande e, para Pelotas, a comitiva rubro-negro seguiu de trem. Na estação férrea de Pelotas, localizada próxima ao antigo estádio do clube, um grande número de torcedores aguardava a chegada da delegação. Os jogadores da pioneira viagem foram os seguintes: Oswaldo Franck, Francisco Nunes, Pedro Zabaleta, Floriano Lourenço, Pedro Rossel, Waldomiro Victoria, Jorge Farias, Alberto Corrêa, Pelágio Proença, Ignácio Gerlach, Ismael Alvariza e os reservas Ary Xavier, Júlio Proença, Niquinho, Raul Garcia e Darwin Bueno.

O Brasil voltaria a escrever páginas gloriosas do futebol gaúcho em 1956 e em 1985. Em 56, o Xavante realizou uma famosa excursão de três meses de duração pela América do Sul e América Central. Foram 28 jogos, entre 14 de julho e 4 de outubro, passando por Paraguai, Peru, Bolívia, Colômbia, Equador, Panamá, Costa Rica, El Salvador e Honduras. O time obteve 16 vitórias, 6 empates e apenas 6 derrotas. Em 85, o rubro-negro pelotense empolgou todo o Estado com uma brilhante campanha e o terceiro lugar no Campeonato Brasileiro.

O PRIMEIRO VÔO DO FUTEBOL MUNDIAL

O Esporte Clube São José, fundado em 24 de maio de 1913, nunca foi campeão da cidade ou do Estado. Apesar disso, o Zequinha tem dois títulos incontestáveis e que orgulham a sua gente. O São José foi o primeiro time de futebol do Estado, do País, da América e do Mundo a viajar de avião para uma partida de futebol. O inegável título do clube da Zona Norte da Capital é o de "O Mais Simpático", pois todo gremista ou colorado e até mesmo cruzeirista tem o Zequinha como o seu segundo time. O São José, junto com o Cruzeiro, forma, ao longo de mais de 90 anos, a resistência viva ao monopólio Gre-Nal na Capital do Estado. Muitos outros tentaram e disputaram os campeonatos da cidade nas décadas de 10, 20, 30, 40 e 50, mas desistiram e morreram pelo caminho, como Renner, Nacional, Americano, Porto Alegre, Ypiranga, Ruy Barbosa, Marechal de Ferro, Teresópolis, Montevideo, Tiradentes, São Paulo, Fiateci, Bancário, Cruz de Matal, Colombo, Municipal, Vila Nova, Tabajara, Concórdia, Sokól, Militar, Frisch Auff.

O histórico vôo ocorreu em 5 de junho de 1927, para uma partida contra o Pelotas. A viagem para Pelotas durou exatamente 2h30min e está registrada nos arquivos da FIFA, como sendo a primeira de um clube de futebol para a disputa de um jogo. Conforme relato de João Leal da Silva, tesoureiro do São José na época, a idéia de viajar de avião partiu do diretor de futebol do clube, Edgar Vielitz, e do secretário Moisés Antunes da Silva, que conversavam no bonde Menino Deus no retorno de um jogo do São José contra o Fuss Ball Club Porto Alegre, na Chácara das Camélias, pelo campeonato da cidade, onde o Zequinha havia perdido por 3 a 1, no dia 3 de maio. O Pelotas aceitou pagar as despesas do avião e a hospedagem da delegação na cidade do Sul do Estado. Ainda em maio, o Zequinha perdeu mais duas partidas pelo campeonato, para Grêmio e Inter.



Arquivo Esporte Clube São José

Dois dias antes da viagem, o secretário Moisés Antunes seguiu de vapor, para acertar os detalhes da estada e da partida, que terminou empatada em 2 a 2. Junto com ele foram três jogadores: Odorico Monteiro, Benedito e Berlina. Na manhã do Domingo, 5 de junho, fazia frio em Porto Alegre e a temperatura estava em 10 graus. Antes do hidroavião decolar, o presidente do São José, Waldemar Zapp, mandou fazer a histórica fotografia de todo o grupo junto ao avião Atlântico, o único da, então, recém criada Varig. O comandante Rodolfo Cramer ficou preocupado com o peso, pois todos os 11 passageiros estavam com casacos pesados. Como haviam apenas 9 poltronas no Atlântico, o goleiro Alberto Moreira Hausen, o Bagre, e Antônio Neto, pai do técnico Francisco Neto, viajaram no porão, junto com as bagagens. Pontualmente às 10h15min, o Atlântico decolou, após duas tentativas, do aeroporto fluvial da Ilha Grande dos Marinheiros. O Atlântico, primeiro avião da Varig, fazia a linha regular Porto Alegre/Pelotas/Rio Grande, que havia entrado em operação em fevereiro daquele ano. Além de Bagre e Neto e do comandante Cramer, também estavam os seguintes passageiros: Carlos Albino (chefe da delegação), João Leal (tesoureiro) e os jogadores Álvaro Kessler, Dirceu, Alfredo Cezaro, Cézar Cesaro (Pinho), Nicanor Leite (Nona), Clóvis Carneiro Cunha e Wálter Raabe. Após o vôo pioneiro, o São José só voltou a viajar de avião em 1959, para uma partida contra o 14 de Julho, em Passo Fundo, que o São José ganhou por 2 a 1. Em maio de 2002, o clube viajou para Portugal, onde disputou o torneio de Marco de Canaveses. O Zequinha enfrentou o Marco, o Gil Vicente, o Braga e o Atlético de Madrid, da Espanha.

OS PRIMEIROS ÍDOLOS

Em 1933 começou nos estados de São Paulo e no Rio de Janeiro. No Rio Grande do Sul, o futebol profissional, efetivamente, começou no início da década de 40. Em 1927, houve a primeira experiência de profissionalização realizada, sem sucesso, pelo Fuss Ball Club Porto Alegre. Nos anos de 1937, 1938 e 1939, os principais clubes de Porto Alegre fundaram a Amgea Especializada e realizaram os primeiros campeonatos profissionais da cidade. Com a dissidência, Grêmio, Inter, Cruzeiro, São José e Força e Luz disputaram o campeonato "especializado" e ficaram fora da disputa do Estadual. No auge do amadorismo no futebol gaúcho, alicerçado pela força da pecuária e da pujança interiorana, os clubes das principais cidades do Estado rivalizavam com a Capital. De 1919 e 1939 foram disputados 19 campeonatos estaduais e em dez oportunidades o título ficou no interior.

O Grêmio foi o primeiro clube a conquistar o título estadual em dois anos seguidos, sendo bicampeão em 1922. Em 23 e 24 o Gauchão não foi disputado. Em Porto Alegre, porém, o campeonato não parou, mas em Pelotas não ocorreu campeonato em 23 e 24. O veterano Fuss Bal Club Porto Alegre foi o campeão da cidade em 1923. O time campeão tinha Vederi; Notari e Pasqual; Celso, Guaracy e Nécio; Linhares, Mandarino, Naninho, Danico e Schell.As disputas foram mantidas em Rio Grande, com o São Paulo campeão; em Bagé, com o título ficando com o Grêmio Bagé. Em Livramento, o Grêmio Santanense foi campeão ao derrotar o 14 de Julho na final por 1 a 0. Em Santa Maria, o campeão foi o Riograndense. Em Porto Alegre, em 1924, o campeão foi o S.C. Americano, com o Cruzeiro em 2º lugar. O Americano campeão tinha Bianchi; Astro e Souza; Gradim, Ghizoni e Heitor; Doca, Manoelito, Malério, Hercílio e Costa. Em Bagé, o título ficou

novamente com o Grêmio Bagé, o São Paulo fez a festa em Rio Grande, o Riograndense foi campeão em Santa Maria e o 14 de Julho ganhou em Livramento.

Em 1925, no retorno do estadual, o Grêmio Esportivo Bagé igualou o feito do seu rival, o Guarany, e conquistou o título de campeão gaúcho. Fundado no dia 5 de agosto de 1920, o Grêmio Bagé, rapidamente, entrou para o seleto grupo dos clubes campeões. Com apenas cinco anos de existência, o jalde negro bageense chegava ao título estadual. Após vencer o campeonato da cidade e a disputa regional, o Bagé teria pela frente, nas finais, Grêmio Santanense, Guarany de Cruz Alta, Juventude e Grêmio. No regional, o primeiro adversário superado pelo Bagé foi o 15 de Novembro, de Dom Pedrito. Na seqüência, venceu por 1 a 0 e eliminou o Pelotas. Nas finais, o Bagé ganhou do Santanense por 3 a 1, no dia 16 de novembro. O Bagé teve Júlio Amaral; Antonio Rodrigues e Fortunato; Missael, Moreira e Aníbal Machado; Leonardo, Oliveira, Pascoalito, João Amaral e Pascoal. O Guarani de Cruz Alta ganhou do 2 a 1 e eliminou o Juventude, mas depois perdeu para o Grêmio por 1 a 0, no dia 19. A final, foi disputada no dia 22 de novembro e o Bagé ganhou, do Grêmio, por 2 a 1, sagrando-se campeão estadual.

Em 1926, o Grêmio foi campeão, no dia 5 de dezembro, ao vencer o Guarany, de Bagé, por 4 a 3. O time campeão: Lara; Sardinha e Adroaldo; Telêmaco (Pitoco), Adão Lima e Carrilho; Domingos, Coró, Luiz Carvalho, Esperança e Nenê. No ano seguinte, com um time só de brancos, o Internacional conquistava o seu primeiro título estadual. Na final, dia 7 de setembro, uma vitória por 3 a 1, gols de Barros (2) e Nenê, sobre o Grêmio Bagé. O Inter, campeão, com Moeller; Nélson Grant e Reinaldo Meneghetti; Ribeiro, Paulo e Lampinha; Veiga, Barros, Ross, Miro e Nenê.

Em 1928 e 1929, o título ficou em Porto Alegre, mas longe da dupla Gre-Nal. Em 28, o Americano, do jovem zagueiro Luiz Luz, foi o campeão. Luz jogou no clube até 34, quando disputou a Copa do Mundo da França pela Seleção No retorno do mundial, transferiu-se para o Grêmio, onde jogou até 1940. O time campeão tinha os negros Alegrete e Barulho. O time: Alegrete; Heitor e Luiz Luz; Malério, Barulho e De Lorenzi; Fernando, Totte, Hugo, Joãozinho e Vitor Hugo. Na decisão, dia 24 de outubro, o Americano, mesmo desfalcado de Luiz Luz, que estava lesionado e foi substituído por Vasco, venceu o Grêmio Bagé por 3 a 0. Foi o único título estadual do Americano, que desapareceu no início da década de 40.

Apesar de ter formado equipes mais famosas, foi o time de 1929 que conquistou o único título de campeão estadual do Cruzeiro. O título homenageia a dedicação do zagueiro Espir Rivaldo, que jogou 18 anos seguidos no clube e, em toda a sua carreira, só vestiu duas camisas: do Cruzeiro e da Seleção Gaúcha. Espir Rivaldo defendeu o Estrelado de 1923 a 1940. Em 1929, o Cruzeiro foi o campeão da cidade. Nas fases classificatórias do estadual venceu o Itapuí, de Guaíba, por 4 a 0 no dia 20 de setembro, e o Juventude, de Caxias do Sul, por 4 a 1, no dia 22. Nas finais, no estádio da Chácara das Camélias, no bairro Menino Deus, em Porto Alegre, o Cruzeiro venceu o Riograndense de Santa Maria por 2 a 0 no dia 12 de outubro. A decisão foi no dia 15 e o Cruzeiro ganhou do Guarany, de Bagé, por 1 a 0, gol de Nestor, cobrando pênalti. O time campeão: Chico; Espir e Hugo; Salatino, Emílio e Totte; Ferreira, Torres, Nestor, Germano e Campão.

Em 1930, o título voltou para o interior. O campeão foi o Pelotas, comandado pelo craque Mário Reis. Jogador de rara habilidade, seu talento é cantado em verso e prosa pelos antigos torcedores do áureo-cerúleo. O Pelotas, para jamais esquecer o talento do seu craque, produziu um boneco, em madeira, tamanho natural, com a imagem do antigo craque, que está na sala de troféus do clube, no estádio da Boca do Lobo. O time campeão:

Bordini; Dario e Grant; Coi, Martial e Tritão; João Pedro (Benjamin), Torres, Tutu, Mário Reis e Chico. A final foi disputada contra o Grêmio, dia 29 de março de 1931, no estádio do Inter, a Chácara dos Eucaliptos, mas não acabou. O jogo foi encerrado quando estava 3 a 3 e o Grêmio se retirou do gramado reclamando da arbitragem de Ernesto Fortes, que havia assinalado três pênaltis a favor do Pelotas. O Grêmio e o jogador Foguinho (Oswaldo Rolla) foram punidos pela federação.

No ano seguinte o Grêmio voltou a ser campeão. Na decisão, dia 27 de dezembro, derrotou o Guarany, de Alegrete, por 3 a 0. No Guarany, o destaque era Moderato Wisintainer, que havia jogado no Cruzeiro, de Porto Alegre, no Flamengo-RJ e na Seleção Brasileira na primeira Copa do Mundo. Moderato era de Alegrete e encerrou a carreira no Guarany, da sua cidade. O Grêmio campeão, de Lara; Sardinha e Dario; Mabília, Poroto e Russo; Lacy, Artigas, Luiz Carvalho, Foguinho e Nenê. O Grêmio foi bicampeão em 32 ao derrotar o Pelotas, na final, por 5 a 1, dia 25 de dezembro. O time teve apenas duas mudanças em relação ao ano anterior: Lara; Sardinha e Dario; Heitor, Poroto e Sardinha II; Lacy, Artigas, Luiz Carvalho, Foguinho e Nenê.

Em 1933, o título estadual, pela vez primeira, aportou na cidade pioneira do futebol no Rio Grande do Sul. O São Paulo, de Rio Grande, foi o campeão, com Odorico; Valentino e Fernando; Quico, Darci Encarnação e Riquinho; Archimínio, Cardela, Oscar, Balester e Scala. Na final, com show de Darci Encarnação, o São Paulo derrotou o Grêmio, por 2 a 1, no dia 19 de novembro, gols de Darci Encarnação e Cardeal (que não é o mesmo que foi campeão pelo Farroupilha em 35 e jogou no Fluminense, na Seleção Brasileira e no Nacional do Uruguai). Para chegar ao título, o São Paulo foi campeão da cidade e, depois, eliminou o Vitoriense (5 a 2), Pelotas (3 a 2), Grêmio Bagé (2 a 1) e o Novo Hamburgo (3 a 2). O Grêmio, antes de chegar à decisão, passou fácil pelo Universal, de Uruguaiana, com uma incrível vitória por 12 a 2, no dia 12 de novembro.

UMA LENDA CHAMADA CARDEAL

O Internacional conquistou o seu segundo título em 1934. Na final, ganhou do G.E. 9º R.I. (hoje Farroupilha), por 1 a 0, gol de Tupã, cobrando pênalti, até hoje contestado pelos pelotenses. O Inter, de Penha; Natal e Risada; Garnizé, Poroto e Levi; Chatinho, Tupã, Mancuso, Darci Encarnação e Cavaco. Poroto é o mesmo que havia sido bicampeão pelo Grêmio em 31 e 32. Ele foi um dos primeiros jogadores titulares da história a trocar de clube na dupla Gre-Nal. Até hoje são poucos os, como Sérgio Lopes, Volmir e Batista, de jogadores que atuaram tanto no Grêmio como no Inter. Poroto também jogou em Livramento e no Riograndense, de Santa Maria.

Depois de lamentarem a derrota e o pênalti duvidoso na decisão de 34, os “rapazes do regimento”resolveram voltar aos treinos. O time, comandado pelo lendário atacante Sezefredo Ernesto da Costa, o Cardeal, o craque do gorro vermelho, ganhou novamente o campeonato de Pelotas e o regional e retornou a Porto Alegre para decidir o título. Desta vez, porém, o adversário foi o Grêmio e o 9º Regimento venceu, comemorou o título do campeonato que marcava os 100 anos da Revolução Farroupilha e, seis anos depois, a 13 de dezembro de 1941, mudou de nome em homenagem ao título, para Grêmio Atlético Farroupilha. A decisão do estadual começou no dia 20 de outubro, em Pelotas, com vitória do Grêmio por 3 a 1. No segundo jogo, em Porto Alegre, na Baixada, o Regimento

surpreendeu e venceu por 3 a 0. O jogo foi disputado no dia 24 de outubro e teve a arbitragem de Ernani De Lorenzi. Com a vitória pelotense, foi necessária a realização de um 3º jogo, disputado no estádio do Internacional, na rua Silvério, diante de 15 mil torcedores, no dia 27 de outubro. O Regimento voltou a ser superior e venceu por 2 a 1, dois gols de Cardeal, é claro. O time campeão: Brandão; Jorge e Chico Fuleiro; Rui (Folinha), Itararé e Celistre; Berila, Bichinho, Cerrito, Cardeal e Gasolina. O Regimento seria novamente campeão de Pelotas em 1936, ano em que inaugurou o seu estádio, no dia 16 de agosto, no bairro Fragata, e 1938. O Grêmio vice-campeão estadual, foi o vencedor do Campeonato Farroupilha de Porto Alegre, título até hoje comemorado pelos tricolores. No primeiro Gre- Nal do campeonato a cidade, houve empate em 1 a 1, nos Eucaliptos, no dia 28 de julho. Os gols foram marcados por Castilho, para o Grêmio, e Mancuso, para o Inter. Neste Gre-Nal, o número 44 da história, o árbitro foi Ernani De Lorenzi e, no 2º tempo, houve um lance pitoresco. Um avião sobrevoou o estádio, cena que não era comum na época. Torcedores, jogadores e o árbitro começaram a olha para o alto, quando o piloto deu um rasante sobre o estádio. O fato está registrado nas páginas do Diário de Notícias e do Correio do Povo do dia 30 de julho. O Diário deu mais destaque e o Correio noticiou ao pé da página. No segundo Gre-Nal, no dia 22 de setembro, na Baixada, com Francisco Azevedo de árbitro, o Grêmio venceu por 2 a 0, gols de Foguinho e Lacy e sagrou-se campeão. Foi o histórico jogo em que o goleiro Eurico Lara deixou de ser um simples atleta a passou a ser uma Lenda Tricolor. Ele deixou o gramado da Baixada durante o jogo e foi imediatamente hospitalizado. Com tuberculose, Eurico Lara viria a falecer 40 dias após o título. Chico, ex-Cruzeiro, teve a incumbência de substituir o ídolo imortal. O time campeão da cidade teve Lara (Chico); Dário e Luiz Luz; Jorge, Mascarenhas e Sardinha II; Lacy, Russinho, Artigas, Foguinho e Mário.

Cardeal nasceu em Santa Vitória do Palmar, em 1914 e, tuberculoso, faleceu, prematuramente, aos 35 anos, em 1949, em Montevidéu. Já doente, ele foi levado para a Capital uruguaia por dirigentes do Nacional, onde havia atuado com destaque. Cardeal jogou no Regimento, no Fluminense e no Nacional, além de ter atuado pela Seleção Gaúcha no Campeonato Brasileiro de Seleções e pela Seleção Brasileira. Pelo Brasil, disputou o Sul-Americano de 1937. Ele foi jogar no Regimento e foi convocado pelo técnico Adhemar Pimenta depois de grandes atuações no Campeonato Brasileiro de Seleções, de 1936, pelo Rio Grande do Sul. Neste ano, a equipe gaúcha conseguiu a primeira vitória contra os paulistas na história do campeonato, que havia iniciado em 1922. No histórico jogo contra São Paulo, o Rio Grande do Sul ganhou por 1 a 0 na prorrogação, gol de Cardeal, após empate em 1 a 1 no tempo normal. Os gaúchos jogaram com Penha; Miro e Luiz Luz; Sardinha, Nestor e Risada; Sorro, Russinho, Cardeal, Foguinho e Tom Mix. Após o Sul-Americano, Cardeal foi vendido do Regimento para o Nacional, de Montevideo. Em 1939 jogou no Fluminense e, no ano seguinte, retornou para o Farroupilha, onde ainda jogou até 1943. O futebol de Cardeal apaixonava os gaúchos. Na época, Carlos Augusto Zubaran, de Rosário do Sul, escreveu um poema em homenagem ao craque do Regimento, fazendo uma referência ao gol da vitória sobre os paulistas, do goleiro Jurandir, em 1936:

Na figueira legionária
Onde fácil é subir
Cardeal ensaiou uma ária
Para encantar Jurandir

Jurandir foi para um canto
A bola para o outro
Cardeal talvez por encanto
Deixou o goleiro sentado

Nos primeiros cinco campeonatos da década, foram dois títulos para o interior, Pelotas (30), São Paulo (33) e três para a Capital, com o Grêmio, em 1931 e 32 e com o Inter, em 34. Na Segunda metade da década, porém, o interior dominou, com os títulos do Regimento (35), Rio Grande (36), Grêmio Santanense (37), Guarany, de Bagé (38) e Rio-Grandense, de Rio Grande, em 1939. Vale destacar, porém, que os campeonatos de 37, 38 e 39 não tiveram as participações de Grêmio, Inter, Cruzeiro, São José e Força e Luz, que estavam, disputando os primeiros campeonatos profissionais da Capital. Porto Alegre, nos estaduais de 37, 38 e 39 foi representada por Novo Hamburgo, Renner e, Novo Hamburgo, respectivamente.

O VOVÔ É CAMPEÃO

O Vovô, o Sport Club Rio Grande já tinha 36 anos de história quando conseguiu comemorar o seu primeiro – e único- título estadual. O Rio Grande foi o campeão da sua cidade e da região Sul. No regional, primeiro, venceu o Rio Branco, de Santa Vitória do Palmar,sem dificuldade, por 7 a 0 . A decisão regional foi contra o Regimento, campeão estadual do ano anterior e tricampeão pelotense. O Farroupilha ganhou o título da cidade naquele ano ao empatar com o Pelotas em 1 a 1, no dia 27 de novembro, com o seguinte time, sem Cardeal, lesionado: Brandão; Jorge e Chico Fuleiro; Rui, Cinza (Itararé) e Celistro; Birilinha, Bichinho, Cerrito, Birila e Gemada. Os gols foram marcados por Bichinho e Mário Reis(P). Naquele ano, no dia 21 de novembro, o Palestra Itália, de São Paulo, atual Palmeiras, esteve em Pelotas e foi derrotado pela seleção pelotense por 2 a 1. O goleiro do Palestra, e da seleção paulista, era Jurandir, que chegou a aplaudir Cardeal pelo lindo gol marcado, o primeiro dos pelotenses. Pedrinho Zabaleta fez o outro gol e o Palestra perdeu uma invencibilidade de 18 jogos. A seleção pelotense de 36 era formada por Chiquinho, Aleixo e Chico; Rui, Navarro e Miguel; Jesus, Eugênio (Zabaleta), Cardeal, Mário Reis e Chico. Bem, voltando ao estadual de 36, Farroupilha e Rio Grande fizeram uma histórica decisão naquela final regional. No 1º jogo, em Rio Grande, o Vovô venceu por 2 a 1, mas o Regimento deu o troco e ganhou, em Pelotas, no estádio da Avenida Bento Gonçalves, por 1 a 0, gol do atacante Gasolina. No terceiro jogo, novamente em Pelotas, mas no estádio do Club Atlético Bancário, o Rio Grande ganhou por 2 a 1, gols de Ernestinho e Pesce para o Vovô e Cardeal, sempre ele, para o Regimento. O herói desta vitória foi o zagueiro Fruto. Já em final de carreira, após atuar por muitos anos no Brasil, foi buscado pelo Rio Grande em Pelotas, no início do ano 1936, onde estava desempregado e sem clube. O Rio Grande lhe deu um emprego no Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis. Agradecido, Fruto, literalmente, deu o seu sangue pelo Sport Club Rio Grande. O Vovô vencia a decisão regional por 2 a 1, e o Regimento, o temido campeão estadual pressionava, com Birila, Cerrito, Gasolina e Cardeal. Nos instantes finais da partida, meteu a cabeça ensangüentada na bola e salvou o que seria o gol do empate pelotense. O Rio Grande ganhou o regional e partiu para vencer também o estadual. A

Bola, com o sangue do Negro Fruto é guardada até hoje como um dos mais importantes troféus do Memorial do Sport Club Rio Grande.

A fase final foi disputada por Rio Grande, Inter, Novo Hamburgo, Riograndense-S.M. e Botafogo de São Gabriel. As finais começaram no dia 10 de janeiro, com rodada dupla no estádio da Timbaúva, do G.E. Força e Luz, na rua Alcides Cruz, bairro Rio Branco, em Porto Alegre. O Novo Hamburgo ganhou do Botafogo-S.G. por incríveis 11 a 0. O Internacional empatou em 4 a 4 com o Riograndense-S.M. e venceu na prorrogação por 3 a 0. A direção do Riograndense publicou uma série de notas na imprensa estadual contra a arbitragem de Alfonso Dolce, que teria um validado um gol legítimo do Riograndense quando o time santa-mariense vencia por 3 a 2. Apesar das reclamações, o Inter ganhou na prorrogação e estava classificado. No dia 14 de janeiro, o Rio Grande derrotou o Novo Hamburgo por 5 a 2 e classificou-se para decidir o estadual contra o Internacional, no estádio da Chácara das Camélia, do Fuss Ball Club Porto Alegre, na Capital. O Rio Grande venceu o Internacional duas vezes e comemorou o título. Na primeira partida dia 17 de janeiro, fez 3 a 2 e no segundo jogo, dia 21 de janeiro, ganhou por 2 a 0, gols de Souza, aos 30 minutos, e Pesce, aos 32, ambos da etapa final, garantindo o título estadual. O Vovô campeão: Munheco; Fruto e Cazuza; Juvêncio, Chinês e Roberto; Ernestinho, Carruída, Souza, Marcol e Pesce. Chinês era pai do meia esquerda Chinezinho, do Inter, Palmeiras e Seleção Brasileira. O Rio Grande tinha até técnico naquele ano: José Kraemer.

NA INSISTÊNCIA, DEU RIO-GRANDENSE

Empolgado pelos título estaduais do São Paulo, em 33, e do Rio Grande em 36, o Rio-Grandense, o Guri Teimoso investiu forte em 1937 com o objetivo de chegar ao título gaúcho. Porém, esbarrou na força da pecuária da Fronteira e perdeu o título para o Grêmio Santanense, nas finais. O Rio-Grandense tinha, em 1937, um técnico que marcaria época no futebol brasileiro: Gentil Cardoso. O carioca era da Marinha e havia vindo trabalhar na cidade, indo treinar o Rio-Grandense. Ele começou treinando no Sírio e passou para o Bonsucesso, em 1933, quando revolucionou o futebol brasileiro introduzindo no país o sistema de jogo WM, que havia observado em uma viagem para a Inglaterra, onde o sistema tático era utilizado no Arsenal. Cardoso treinou a Seleção Brasileira em 1959 e todos os grandes clubes do Rio de Janeiro e de Pernambuco, esteve no Pará, no Sporting de Portugal, onde foi campeão nacional, no Corinthians-SP e na Ponte Preta. No futebol gaúcho, além do Rio-Grandense, dirigiu o Cruzeiro, de Porto Alegre, em 1951, sendo campeão do Torneio Início da Capital.

A decisão, em 1936, foi muito parelha e tumultuada e o campeão só foi definido após o quarto jogo. A final do estadual começou a ser disputada no dia 9 de janeiro de 1938, em Rio Grande, com vitória do Rio-Grandense por 2 a 0, gols de Plá. No dia 16, o Santanense, ganhou por 3 a 2. O terceiro jogo, dia 19, em Pelotas, no estádio da Avenida Bento Gonçalves, foi tumultuado e terminou empatado em 3 a 3. O Rio-Grandense vencia por 3 a 2, quando foi marcado um pênalti para os Santanenses. Após a cobrança e o gol de empate, houve briga e o jogo foi finalizado. Assim, a F.R.G.D. marcou uma quarta e decisiva partida, em Bagé, no dia 6 de fevereiro, quando, finalmente, saiu o campeão de 1937, o Grêmio Santanense, que venceu por 4 a 0, gols de Bido (2), Zorro e Tom Mix. O

Santanense, campeão: Brandão; Alfeu e Garnizé; Goulart, Mascarenhas e Toca; Sorro, Béca (Cabeça D'Água), Pepe Garcia (Pascoalito), Hortêncio Souza e Tom Mix. O Rio-Grandense, vice-campeão: Portugal; Patrício e Cazuza; Hermes, Alfinete e Mariano; Cleto, Carruíra, Cardeal, Chinês e Plá. Para chegar na final, O Santanense passou pelo Uruguaiana e pelo Riograndense-SM e o Rio-Grandense-R.G. passou por Brasil, de Pelotas, e Ferroviário, de Bagé. O Santanense, fundado em 11 de junho de 1913, era campeão gaúcho.

O Guarany, de Bagé, entrou para a história do futebol gaúcho em 1938, por ser o único, até os dias atuais, clube do interior duas vezes campeão estadual. O Guarany, campeão em 1920, repetiu o feito em 38 ao derrotar o Rio-Grandense, de Rio Grande, na decisão. O Rio-Grandense novamente perdeu o título no quarto jogo decisivo. Em Bagé, foi 1 a 1, em Rio Grande o Rio-Grandense venceu por 2 a 0, mas o Guarany venceu a terceira, em Pelotas, por 3 a 1, gols de Picão (2) e Quesada. No quarto e decisivo jogo, novamente em Pelotas, no dia 24 de janeiro de 1939, houve empate em 1 a 1 no tempo normal, gols de Chinês e Medina, mas o Guarany ganhou na prorrogação por 1 a 0, gol de Salvador Rubilar aos 3 minutos do tempo extra.

Depois de sofrer dois anos, chegar na decisão e perder o título no 4º jogo das finais para Santanense, em 37, e Guarany, em 38, finalmente o Rio-Grandense, em 1939, pode comemorar o título estadual. A final foi contra o Pelotas e o time campeão tinha Brandão; Cazuza e Armando; Pelado, Pacheco e Mariano; Osquinha, Carruíra, Cardeal, Chinês e Plá.

SURGE O ROLO COMPRESSOR

Após duas décadas de sofrimento, o ano de 1940 começou promissor para a torcida do Internacional. Porém, poucos devem ter imaginado que aquela vitória no dia 4 de janeiro estava representando o início de uma Era e o começo de uma equipe que fora tida, pelos mais antigos, como a melhor de todos os tempos do Rio Grande do Sul. O dia 4 de janeiro marca o início da Era do Rolo Compressor, o incrível time formado pelo Internacional na década de 40. No dia 4 de janeiro, no estádio da Baixada, no Moinhos de Vento, o Inter acabava com a supremacia tricolor, com as seguidas vitórias de uma geração tricolor, que tinha Lara, Foguinho, Luiz Luz e Luiz Carvalho. O Gre-Nal da Baixada, em janeiro de 1940, vencido pelo Internacional, por 6 a 1, marcou a estréia de Tesourinha nos clássicos. Foi o início de uma era. Em 10 anos, o Rolo Compressor disputou 49 Gre-Nais, ganhou 31 e perdeu apenas sete, com 11 empates.

No clássico nº 62, dia 4 de janeiro de 1940, o Inter ganhou por 6 a 1, com gols de Acácio (3), Carlitos (2) e Tesourinha. O time formou com Júlio; Alfeu e Risada; Brandão (Celso), Magno e Levi; Tesourinha, Rui, Acácio, Castilho e Carlitos. Hoche de Almeida Barros, o "Homem Rocha", presidente do Internacional em 1940, e o técnico Carlos De Lorenzi foram os responsáveis pela formação inicial do Rolo Compressor. Durante o hexacampeoanto estadual, de 40 a 45, foram somente três os técnico do Rolo Compressor: Carlos, Ricardo Diez, de 41 a 44, e Hermínio de Brito, em 1945.

Do time campeão em 40, foi mantida, até o hexa, uma base com seis jogadores: os zagueiros Alfeu e Assis, e os atacantes Tesourinha, Russinho, Rui Motorzinho e Carlitos. No bicampeonato, em 1941, já estavam Ávila e o centroavante Villalba. No tricampeonato, o Rolo estava completo: Ivo; Alfeu e Nena; Assis, Ávila e Abigail; Tesourinha, Russinho, Villalba, Rui Motorzinho e Carlitos. Ivo foi contratado do São José, onde havia sido o

goleiro-revelação do campeonato do ano anterior. Alfeu, campeão estadual pelo Santanense em 1937, havia jogado em São Paulo nos dois anos seguintes e voltou para o Estado em 40, para o Inter. Nena foi descoberto, em 1942, pelo técnico Ricardo Diez jogando na várzea. Ele foi convocado para a Copa do Mundo de 50, mas acabou na reserva. O gordo Assis, que chegava a pesar mais de 100 quilos e tinha um chute muito forte, era oriundo do futebol de Uruguaiana. O centro-médio Ávila foi contratado do Pelotas e Abigail foi revelado pelo Força e Luz e, depois de sair do Inter, jogou vários anos no Nacional, da Chácara das Camélias, onde abandonou a bola em 1953. Tesourinha começou no Nacional, o time dos ferroviários, que, em 1938 e 39, ainda jogava no campo da Ilhota. Tesourinha estreou no time titular do Inter, com 18 anos, em 23 de outubro de 1939, numa vitória sobre o Cruzeiro, por 2 a 1. David Russowski, o Russinho, o capitão do time, começou a jogar no Grêmio, mas foi levado para o Internacional pelo seu irmão, Gildo Russowski. O centroavante argentino Villalba jogava em São Borja, chegou para testes no estádio dos Eucaliptos e logo foi aprovado. Depois do Inter, Villalba atuou no Atlético Mineiro, Palmeiras, Floriano e encerrou a carreira no Rio Grande, aos 34 anos. O motorzinho Rui veio de Alegrete para o Inter e jogava nas duas meias. O ponteiro-esquerdo Carlos Alberto Zolim Filho, o Carlitos chegou ao Inter em 1938 e ficou por 13 anos no clube. Ao longo da década, outros craques foram incorporados ao Rolo e fizeram parte do elenco dos campeões do Estado, nos anos de 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47 e 48: Risada, Magno, Levi, Acácio, Brandão, Niquelagem, Jorge De Lorenzi, Castilho, Joane, Ivo, Adãozinho, Volpi, Perez, Ilmo, Viana, Elizeu, Magnones, Fandino, Beresi e Ruaro. Foram oito títulos em nove campeonatos.

MISSÃO INGRATA: SUPERAR O ROLO COMPRESSOR

Durante a década de 40, o Grêmio foi campeão apenas em 46 e 49 e em alguns anos nem mesmo chegou ao vice-campeonato nas temporadas de 42, 45, 47 e 48. Em 42, 45 e 27 o vice-campeão foi o Cruzeiro, que dividiu o 2º lugar com o Força e Luz em 47 e o São José foi o segundo em 1948. O São José garantiu o vice-campeonato de 48 ao vencer o grêmio por 3 a 1, no dia 9 de outubro. O time Zequinha desta época tinha Clóvis (Vilson); Aldeia, Gaúcho, Oswaldo Só e Tibica; Gomes e Ênio Andrade; Breno, Pedrinho, Sadi e Roni (Loureiro). Esta formação revelou dois talentos para o futebol gaúcho: Enio Andrade, que seria campeão pelo e pelo Renner, em 1954, e Pedro Ário Figueiró, o Pedrinho, campeão gaúcho pelo Renner em, 54. Os dois, além de excelentes jogadores, foram técnicos consagrados. Ênio foi tricampeão brasileiro como treinador, dirigindo Internacional (79), Grêmio (81) e Coritiba (85).

O Cruzeiro, por exemplo, viveu na década de 40 a melhor fase da sua existência. Porém, para o azar dos “estrelados”, a melhor equipe formada pelo clube ocorreu justamente na fase áurea do imbatível Rolo Compressor. O Cruzeiro, fundado em 1913, foi uma das principais forças da cidade nas primeiras décadas do século passado. A equipe chegou ao título da Capital nos anos de 1918, 1921, 1922 e 1929, quando também comemorou o título estadual. Porém, com a profissionalização do futebol, o Cruzeiro, clube de poucos sócios, não conseguiu acompanhar o crescimento das despesas na década de 30, quando conseguiu, somente um vice-campeonato em 1934. Nos anos 40, a família estrelada uniu forças e impulsionou o clube, mas esbarrou nos craques do Rolo Compressor.

Em março de 1941, o Cruzeiro inaugurou o estádio da Montanha, o melhor da cidade na época. Na festa, uma vitória por 1 a 0 sobre o poderoso São Paulo-SP. No mesmo

ano, o Cruzeiro contratou o famoso médio Canalli, do São Paulo, que havia disputado as Copas do Mundo de 1934 e 38 pela Seleção Brasileira, onde atuou por 18 vezes. A pujança cruzeirista seguia: em 42, o clube inaugurou os refletores do estádio e, com Otto Pedro Bumbell de técnico, foi vice-campeão da cidade. Em 43, os estrelados acreditavam que era chegada a hora do título da cidade, pois o ano começou promissor para o time alvi-azul. O Cruzeiro foi campeão, invicto, da Taça Triangular Cidade de Porto Alegre. O time estrelado ganhou do Inter por 2 a 1 no dia 21 de fevereiro, depois derrotou o Grêmio por 3 a 2 e, no returno, empatou as duas, 2 a 2 com o Inter e 1 a 1 com o Grêmio. O Cruzeiro campeão tinha Marne; Gaúcho e Oswaldo Só; Ferrari, Ramon Jesus e Clóvis; Louzada (Piveta), Rui, Vilson, Humberto (Zica) e Ilmo. O Cruzeiro venceu o Torneio do Dia do Futebol e foi vice no Torneio Início. Antes do campeonato, na época, era disputado o Campeonato Extra, também chamado de Campeonato de Honra, entre os participantes do campeonato da cidade. No extra de 43, o Cruzeiro foi campeão invicto, com quatro vitórias e um empate. Nos clássicos, venceu o Inter por 2 a 0 e o Grêmio por 2 a 1. Porém, no campeonato, em turno e returno, o time naufragou e o título, novamente, ficou com o famoso Rolo Compressor. No campeonato, o Cruzeiro obteve cinco vitórias, três empates e duas derrotas, para o Inter, por 2 a 1 e para o Grêmio, pelo mesmo placar. Em 44, o Cruzeiro ficou em 3º. No ano seguinte a direção do clube investiu forte para tentar o título e contratou o famoso técnico húngaro Emerico Hirschl, que havia treinado clubes importantes da Argentina e do Uruguai, como Peñarol e Rosário Central, por exemplo. Com Hirschl vieram os italianos Flamini e Lombardini, uma ala esquerda que havia jogado junta no Lazio, de Roma, no campeonato italiano de 1938 a 1942 e que estava na Argentina nas temporadas 43 e 44. Porém, mesmo com Flamini, Lombardini e Hirschl, o Cruzeiro acabou vice-campeão. Em 1947, o Cruzeiro, com Luizinho na ponta-direita, venceu a Taça Cidade de Porto Alegre, ao derrotar o Força e Luz por 2 a 1, no dia 10 de agosto e o Inter, na decisão, dia 1º de novembro, por 3 a 0. O time: Borracha; Gaúcho e Juvenal Amarijo; Laerte, Lauro Só e Clóvis; Luizinho, Saladura, Vilson, Mário Andrade (Valdir) e Lombardini. (Joelcy). O zagueiro Juvenal Amarijo nasceu em Santa Vitória do Palmar, em 1923. Ele começou a jogar no Vitoriense, da sua cidade. Depois, ainda jovem, foi para o Farroupilha e, em 1945, para o Brasil. Após ser bicampeão da cidade, foi contratado pelo Cruzeiro em 47 e ficou dois anos no time da Montanha. Juvenal foi vendido ao Flamengo. Ele foi o zagueiro titular da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1950 e ainda jogou no Palmeiras-SP, Bahia e Ypiranga-BA, onde encerrou a carreira. Depois de 1947, o Cruzeiro nunca mais chegou perto do título, apesar de ter excursionado à América Central e à Europa, duas vezes, em 1953 e 1960 e do excelente time formado em 1968. A queda definitiva, porém, ocorreu no final de 1970, com a venda do estádio da Montanha para a construção do cemitério João XXIII. O Cruzeiro participou dos estaduais até 1972, mas no ano seguinte fechou seu futebol profissional, reabrindo em 75, mas seu o poderio do passado. Em 79 parou novamente, para voltar somente em 1991. Desde então, joga a Segunda Divisão de profissionais e os estaduais de juvenis e juniores.

O CRUZEIRO CRUZA O ATLÂNTICO

A revista do Globo, de Porto Alegre, em sua edição de janeiro de 1954, lembrava que os dirigentes do Cruzeiro eram chamados de louco, quando anunciaram a excursão da equipe Porto-Alegrense à Europa e Ásia. Na volta, no dia 28 de janeiro de 1954, foram

recebidos com muita festa pelos torcedores gaúchos, que recepcionaram os "craques da Europa" pelas ruas principais da Capital. O Cruzeiro foi o primeiro clube gaúcho a jogar na Europa e na Ásia e, também, o segundo que esteve lá, pois retornou em 1960 para mais 24 jogos, antes do Grêmio (que foi à Europa pela primeira vez em 61) e bem antes do Internacional, que só conheceu o Velho Mundo na década de 70.



Jogadores do Cruzeiro no Transatlântico.

Tudo começou em meados de 53, quando surgiu a possibilidade. Apesar da pouca fé da comunidade esportiva gaúcha, o Cruzeiro, do presidente Antônio Pinheiro Machado Neto, lançou-se ao mar em 24 de outubro de 1953, a bordo do transatlântico "Giulio Cesare", que saiu do Rio de Janeiro e levou 11 dias para chegar ao "Velho Mundo". Neste dia, o técnico Oswaldo Rolla, o Foguinho, aproveitava os espaços do luxuoso navio para ministrar treinos físicos aos atletas. Em três meses de excursão, o Cruzeiro realizou 15 jogos. O desempenho foi excelente, com sete vitórias, cinco empates e apenas três derrotas. O time marcou 28 gols e sofreu 20.

O adversário mais temido era o da estréia. Justamente no primeiro jogo, após a cansativa viagem, o Cruzeiro teria de enfrentaram o poderoso Real Madrid, de Di Stéfano, em seu estádio. O Cruzeiro, porém, foi brioso e valente, empatando em 0 a 0. O jogo rendeu, para o folclore do futebol, uma das mais famosas histórias, envolvendo o craque argentino Di Stéfano e o zagueiro Valtão. Em uma chegada mais dura do defensor cruzeirista, Di Stéfano reclamou: "*Mira, yo soy Di Stefano, do Real Madrid*". Valtão não se encabulou e prontamente respondeu: "e daí, eu sou o Valtão, de Canoas".

A delegação do Cruzeiro tinha o presidente Antônio Pinheiro Machado Neto, o diretor Jorge Thomaz, o técnico Oswaldo Rolla, o massagista Abrão Lehermann, que trabalhou quase 40 anos no clube, desde 1945, após ser goleiro do time de aspirantes no início da década de 40. O Cruzeiro teve os goleiros La Paz e Amauri e os jogadores Bolacha, Casquinha, Celso Adams, Delton, Divo, Ferraz, Hofmeister, Huguinho, Jarico, Leo, Laerte III, Nardo, Paulistinha, Tesourinha II, Rui, Rudimar, Valtão e Xisto.

O Cruzeiro voltou à Europa em 60, quando realizou 24 partidas. O clube iria novamente em 1961, mas os dirigentes estrelados entraram em conflito com os empresários responsáveis pela excursão. Insatisfeitos, os empresários substituíram o Cruzeiro pelo Grêmio, que estreou na Europa em 1961.

A FAÇANHA DO RENNER

Como um cometa, o Renner passou pelo futebol gaúcho.A existência completa do Grêmio Esportivo Renner durou 28 anos. O clube, fundado em 1931, foi fechado em maio de 1959, quando a equipe se preparava para disputar o campeonato metropolitano. O último jogo, um amistoso, foi disputado na cidade de Cachoeira do Sul. Apesar de fundado em 31, o Renner apareceu no cenário estadual em 1938. Naquele ano (como em 37 e 39), Inter, Grêmio, Cruzeiro, São José e Força e Luz disputaram um campeonato profissional e não classificatório ao estadual. Com esta dissidência, o campeonato oficial da cidade foi disputado por Renner, Americano e Fuss Ball Club Porto Alegre. O Renner foi o campeão da cidade e derrotou o Novo Hamburgo na decisão regional, classificando-se para disputar o Campeonato Estadual pela primeira vez. No estadual, o Renner venceu o Juventude, de Caxias do Sul, no dia 28 de novembro, jogando com Mueller; Jardim (Oswaldinho) e Duarte; Bruxo, Wieser e Amantino; Chato, Plínio, Veroneze, Divino e Lambary. Na seqüência, o Renner enfrentou o Rio-Grandense, de Rio Grande, e foi eliminado do estadual. No campeonato principal da cidade, porém, o Renner somente entrou em 1945. Até lá, disputou o campeonato da 2ª divisão de Porto Alegre. O crescimento do futebol do Renner começou no final dos anos 40. O clube foi campeão juvenil da cidade em 48, com Abílio dos Reis de técnico. Em 1949, no dia 18 de dezembro, o Renner trouxe a Porto Alegre o Vasco da Gama, campeão carioca e Sul-Americano, que tinha Barbosa; Augusto e Wilson; Eli (Jorge), Danilo e Alfredo II; Nestor (Lima), Maneca, Heleno de Freitas, Ipojucan e Mário (Chico). O ponteiro-direito Tesourinha desfalcou o Vasco da Gama no amistoso. Um público de 10 mil pessoas, aproximadamente, lotou o estádio Tiradentes e vibrou muito com o empate, em 1 a 1, do Renner, que jogou com: Periquito; Pedro e Bedeu; Dutra (José), Vado e Heitor; Medina, Cabano, Saladura (Segura), Guido e Íris. O árbitro foi Arthur Vilarinho e o gol gremista foi marcado por Medina, aos 10min. de jogo.

Em 1950, o presidente do clube, Mário Azevedo, contratou o professor de educação física Selviro Rodrigues, para dirigir a equipe. Formado pelo IPA e com especialização na Faculdade de Educação do Exército, na Urca, no Rio de Janeiro, introduziu o esquema tático 4-2-4 e manteve a base de time até chegar ao título estadual de 1954, conquistado em abril de 55. O primeiro grande time dos "Indrustriários", como o Renner era chamado, tinha Valdir de Morais; Bonzo, Ênoio Rodrigues, Olavo e Paulistinha; Ivo Andrade e Ênio Andrade; Sabiá, Bruno Melo, Juarez Branco e Joelcy. No título da Divisão Especial de 1954, confirmado com uma goleada sobre o Juventude, de Caxias do Sul, por 9 a 2, o time contava com Orlando, em lugar de Ênio Rodrigues, transferido para o Grêmio, Leo na vaga de Ivo Andrade e Pedrinho, na ponta-direita, em lugar de Sabiá. O time campeão também contava com jogadores importantes como o goleiro Luiz Carlos, o zagueiro Gago e o atacante Orcelli.



Renner, campeão gaúcho de 1954.

A fase final do estadual começou a ser disputada em janeiro de 1955, mas só terminou em abril do mesmo ano. Os finalistas foram Renner, Brasil e o Ferro Carril, de Uruguaiana, em jogos de turno e returno. No dia 23 de janeiro, o Brasil venceu o Ferro Carril, em Uruguaiana, por 2 a 1. No dia 30, o Renner, jogando em seu estádio, o Tirandes, na avenida Sertório esquina com Farrapos, aplicou 2 a 0 no Ferro Carril, gols de Breno Melo e Joelcy. No dia 6 de fevereiro, em Pelotas, no Bento Freitas, houve empate em 1 a 1, entre Brasil e Renner. Juarez fez o gol de Renner e Joaquim empatou. O Renner jogou com Luiz Carlos; Orlando, Bonzo, Gago e Paulistinha; Olavo e Ênio Andrade; Pedrinho, Breno, Juarez e Joelcy. O Brasil, que seria vice-campeão, jogou com Caruccio; Oswaldo e Duarte; Tibirica, Seara e Jarí; Mortoza, Caizé, Negrito, Joaquim e João Borges.O árbitro foi Hanz Lutzbat. Na abertura do returno, em Pelotas, o Brasil venceu o Ferro Carril por 3 a 1. O Renner foi a Uruguaiana e também venceu o Ferro Carril, antes da interrupção do campeonato. Após a paralisação, o último jogo do triangular final foi marcado para o dia 3 de abril, no estádio Tiradentes, apelidado pelos adversários de Waterloo, pois o Renner dificilmente, perdia em seus domínios. O retrospecto foi confirmado na decisão. Brasil e Renner chegaram empatados com duas vitórias e um empate. No jogo decisivo, os comandados por Selviro Rodrigues venceram por 3 a 0, imortalizando o nome do G.E. Renner na lista dos campeões estaduais do Rio Grande do Sul. Ainda em 55, o Renner foi convidado a jogar em Montevidéu, contra o Nacional, fazendo a sua primeira exibição internacional. O Renner, ao longo da década de 50, realizou diversos jogos inter-estaduais, como a vitória sobre o Atlético Mineiro, por 2 a 0, na noite de 26 de julho, no estádio Tiradentes, na festa de comemoração dos 25 anos do clube industriário.

Em fevereiro de 1956, o Renner conquistou o título do Torneio da Acepa, vencendo os seus três adversários por goleada: Inter (6 a 3), Cruzeiro (4 a 1) e Floriano (5 a 2). Em 56, o Renner foi vice-campeão da Divisão Especial, que reunia Grêmio, Inter, Cruzeiro,

Nacional, São José, Força e Luz, Aimoré, Floriano, Flamengo (atual Caxias) e Juventude. O clube continua bem organizado nas categorias inferiores. Prova disso, foram os títulos de campeão de aspirante e de juvenis, obtidos em 1956.

O departamento de futebol do G.E. Renner foi extinto em maio de 1959.

GAÚCHOS CAMPEÕES DO PAN-AMERICANO

A história do futebol gaúcho está repleta de grandes feitos e, sem dúvida, a conquista do Pan-Americano do México, em 1956, é uma das páginas mais gloriosas do nosso futebol. O campeonato Pan-Americano de futebol começou a ser disputado em 1952, com vitória brasileiro, no Chile. Na Segunda edição, quatro anos depois, a Confederação Brasileira de Desporto (hoje, CBF) decidiu convidar a Federação Rio-Grandense de Futebol para montar uma equipe somente com jogadores que estivessem atuando no Estado para representar o Brasil no campeonato no México.

A primeira intenção da CBD era montar uma seleção com gaúchos, paranaenses, mineiros e pernambucanos. Era uma jogada política da entidade máxima do futebol nacional, para satisfazer os dirigentes das entidades e dos clubes de quatro Estados que já apresentavam uma grande evolução no futebol, mas ainda estavam abaixo dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo nas preferências para as formações das seleções nacionais. Os principais clubes do país, na época, estavam todos centralizados em Rio e São Paulo e não desejavam liberar seus craques para as disputas do Sul-Americano e do Pan-Americano. Assim, foram formadas duas seleções, uma para cada competição.

A idéia da CBD, porém, foi rechaçada pelo presidente da Federação Rio-Grandense, Aneron Corrêa de Oliveira, que desejava uma seleção só de gaúchos. Aneron insistiu e a sua idéia prevaleceu. O mesmo foi presidente da Federação Gaúcha de 1945 a 1966, tendo muito prestígio da CBD, conseguindo convencer os dirigentes da entidade nacional.

Com a idéia aceita e oficializada, a Federação Rio-Grandense de Futebol começou a organizar a Seleção. A primeira ação foi a convocação do técnico Francisco Duarte Júnior, o pelotense Teté. Ele começou a treinar a equipe do 9º Regimento, campeão destadual de 35, hoje Farroupilha. Depois, treinou o Brasil, de 1941 a 1946, onde conquistou o título da cidade em quatro oportunidades. Em 1947, Teté transferiu-se para Porto Alegre, a convite do Cruzeiro, e foi treinar o time estrelado. Porém, entrou em divergências com a direção e deixou o clube, indo treinar o Nacional Atlético Clube, o humilde time dos ferroviários, da Chácara das Camélias. No Nacional, Teté ficou menos de um ano, pois era oficial e teve que retornar ao exército, que o mandou para o Rio de Janeiro. Lá, acompanhava os treinos no Flamengo, com Flávio Costa. Em 1949 retornou para o Sul e assumiu novamente o Nacional, trazendo sete jovens jogadores do Flamengo, que foram trocados pelo zagueiro Fernando Suman, o Gago, então com apenas 17 anos, principal revelação nacionalista. Na troca, o Flamengo enviou Luizinho, ex-Cruzeiro, Quito, Florindo, Bodinho, Moreira, Chico e Quinzinho. O Nacional formou um grande time, que ainda tinha o goleiro uruguaio La Paz, ex-Nacional de Montevidéu e titular da seleção do seu país em 1948, o jovem Ortunho e o veterano Abigail. Porém, no campeonato de 50, o Inter foi o campeão e o Nacional ficou em 2º e Teté foi contratado pelo Inter, onde ficou até 1957. Para o Internacional ele, do Nacional, levou La Paz, Florindo, Bodinho, Luizinho e Quinzinho. O Inter, que havia perdido o título estadual de 49 para o Grêmio, no

fim da Era Rolo Compressor, voltou a ganhar em 50 e, com Teté, foi campeão em 51, 52, 53 e 55, perdendo o título para o Renner em 54 e para o Grêmio em 56, quando o tricolor iniciou uma série de 12 títulos estaduais em 13 campeonatos seguidos, até 1968. Teté ainda treinou o São José em 1957 e 1958 e retornou ao Inter. Teté, que era oficial do exército, chegou ao Internacional como Capitão, passou a Major, mas eternizado pela torcida gaúcha com o apelido de "Marechal das Vitórias". O Marechal Teté faleceu em 62.

Teté convocou, inicialmente, 40 jogadores.A lista final, porém, foi formada por 22 atletas: 9 do Grêmio, 8 do Internacional, 2 do Renner, 2 do Floriano (Novo Hamburgo) e 1 do Brasil de Pelotas. Do Grêmio foram chamados o goleiro Sérgio, os laterais Figueiró e Ortunho, os zagueiros Aírton e Ênio Rodrigues, os meias Sarará e Milton Kuelle e os atacantes Hercílio e Tuarez Teixeira. Do Inter foram chamados 8 jogadores, sendo sete titulares da Seleção: Florindo, Oréco, Odorico, Jerônimo, Luizinho, Chinesinho, Bodinho e Larry. O elenco ainda tinha o goleiro Valdir de Morais e o meia Ênio Andrade, do Renner, o goleiro Paulinho e o ponteiro-esquerdo Raul Klein, do Floriano e o lateral esquerdo Duarte, do Brasil de Pelotas, que seria o capitão da equipe no Pan-Americano.



Gaúchos no desfile de abertura no México.

Os jogos, na Cidade do México, foram realizados no estádio Universitário, entre 1º e 18 de março. Em 5 jogos, a Seleção Gaúcha (Brasileira) ganhou quatro e empatou com a Argentina, em 2 a 2, no último jogo, resultado que garantiu o título. Em 5 partidas, marcou 14 gols e sofreu apenas cinco. Na estréia, o Brasil venceu o Chile por 2 a 1, gols de Luizinho e Raul Klein. Depois, 1 a 0 sobre o Peru, no dia 6, com gol de Larry Pinto de FAria. No dia 8, fez 2 a 0 no México, com dois gols de Bodinho. Na terceira apresentação, a gauchada deu show e goleou a Costa Rica por 7 a 1, com gols de Chinesinho (3)Larry (3)

e Bodinho. Na final, dia 18, o empate servia e ocorreu: 2 a 2 com a Argentina. Ênio Andrade e Chinesinho fizeram os gols do Brasil. O time campeão: Sérgio Moacir Torres Nunes (Valdir de Morais); Florindo e Duarte; Oreco, Odorico e Ênio Rodrigues; Luizinho, Bodinho, Larry, Ênio Andrade e Raul Klein (Chinesinho).

Os adversários eram fortes. O Chile, em janeiro, no Sul-Americano, no Uruguai, havia goleado a Seleção Brasileira, recheada de cariocas e paulistas, por 4 a 1. A equipe tinha jogadores como o goleiro Escutti e o ponteiro Sanchez. No Peru, os destaques eram os atacantes Seminário, Tito Drago e Félix Castilho. No jogo contra o Peru, o massagista Moura entrou no gramado sem a autorização do árbitro e atrapalhou um ataque peruano, quando Seminário poderia marcar o gol, que seria do empate da Seleção do Peru. Na final, a Argentina contava com o talento do craque Di Stéfano.

Na volta, os campeões foram recepcionados no Rio de Janeiro pelo presidente Jucelino Kubitschek e pelo vice-presidente João Goulart. O Brasil, pelo título, ganhou o famoso troféu Jarrito de Ouro. Em Porto Alegre, uma multidão foi às ruas receber os heróicos campeões Pan-Americanos.

A delegação também era integrada pelo presidente da Federação Rio-Grandense de Futebol, Aneron Corrêa de Oliveira, pelo chefe da delegação, Saturnino Vanzelotti, do Grêmio, pelos massagistas Moura e Biscardi e pelo roupeiro Chicão. A imprensa gaúcha esteve presente no México. Os jornalistas enviados ao Pan-Americano foram Lourival Vianna (Caldas Júnior), Paulo Corrêa (Diário de Notícias) Cândido Norberto (rádio Gaúcha), Leonel Silveira (rádio Farroupilha) e Samuel Madureira Coelho (jornal A Hora). O título no México foi o primeiro da Seleção Brasileira fora da América do Sul e o primeiro com a camisa amarelinha, desenhada pelo gaúcho, de Jaguarão, Aldyr Schlee, que ganhou um concurso nacional promovido pela CBD em 1953. Schlee, na época com 20 anos, trabalhava no jornal Diário Popular, de Pelotas, e enviou o seu desenho para o uniforme da Seleção e foi o ganhador do concurso. A estréia do uniforme que consagrou o futebol brasileiro, ocorreu em 24 de fevereiro de 1054, com uma vitória sobre o Chile, por 2 a 1, no Rio de Janeiro, pelas eliminatórias da Copa do Mundo da Suíça. Era o início do uniforme que originou o apelido de “Canarinho” para a Seleção Brasileira.

SELEÇÃO GAÚCHA, VICE-CAMPEÃ NA COSTA RICA

Em 1960, com o sucesso obtido no México, a CBD repetiu o convite e o Brasil foi, novamente, representado pela Seleção Gaúcha, no Pan-Americano realizado na Costa Rica. O Brasil, só com gaúchos, ficou em segundo lugar, retornando com o vice-campeonato.
O técnico, em 1960, foi Oswaldo Rolla, o Foguinho. Na estréia, dia 6 de março, os gaúchos empataram com o México em 2 a 2. Élton e Gilberto fizeram os gols do Brasil. O time: Irno; Soligo, Aírton, Calvet e Ênio Rodrigues; Élton e Ivo Diogo; Marino, Gessi, Milton Kuelle e Gilberto. Na seqüência, o Brasil perdeu para a Costa Rica por 3 a 0 e para a Argentina por 2 a 1. Depois, ganhou do México, 2 a 0, gols de Alfeu e Mengálvio. O time: Suly; Orlando, Aírton, Bruno e Ortunho; Élton e Alfeu; Mengálvio, Ivo Diogo, Milton e Juarez. No dia 17, o Brasil goleou a Costa Rica por 4 a 0, gols de Élton (2) e Juarez (2). No dia 20, o Brasil, dos Gaúchos, ganhou da Argentina por 1 a 0, gol de Milton Martins Kuelle e garantiu o vice-campeonato. A Argentina foi campeã. O Aimoré, de São Leopoldo, que havia sido vice-campeão metropolitano em 1959, cedeu quatro jogadores à Seleção: Suly,

Alfeu, Mengálvio e Soligo. O catarinense Mengálvio, natural de Laguna, foi revelado pelo Aimoré, onde começou a jogar, aos 18 anos. Logo após o Pan-Americano, ele foi vendido ao Santos, onde jogou com Pelé e foi bicampeão mundial interclubes em 1962 e 1963.

Estas duas Seleções de jogadores do Estado retratam, claramente, a supremacia que determinado clube possuía. Em 1956, o Inter, embalado pelos títulos e pelo comando de Teté, cedeu sete titulares. Em 1960, o Grêmio, comandado pelo futebol força de Oswaldo Rolla, dominava o Estado e tinha a maioria na Seleção Gaúcha. O Inter, de 40 a 55, ganhou 13 dos 16 campeonatos disputados. O Grêmio, porém, logo deu o troco, com 12 títulos em 13 campeonatos, de 1956 a 1968.

AS GRANDES EXCURSÕES

Os campeonatos nacionais de clubes começou somente em 1959 no Brasil. No ano seguinte começou a disputa do Sul-Americano interclubes, a Taça Libertadores da América. Mesmo com a criação da Taça Brasil em 59, da Libertadores em 1960 e do Torneio Roberto Gomes Pedrosa em 1967, os jogos oficiais eram raros. Por isso, até o início dos anos 70 eram comuns e famosos os amistosos interestaduais e as excursões de clubes brasileiros ao exterior.

O Grêmio foi o primeiro clube gaúcho a realizar uma temporada no exterior. Entre 27 de novembro e 25 de dezembro de 1949, o Grêmio realizou 9 jogos na América Central, na Guatemala, El Salvador, Honduras e Costa Rica. O Grêmio teve um excepcional desempenho e retornou invicto, com 8 vitórias e apenas um empate. Entre 13 de dezembro de 1953 e 31 de janeiro de 1954, o tricolor realizou a sua segunda excursão, com apresentações na América Central e na América do Sul. O Grêmio jogou no México, Equador e Colômbia, com 5 vitórias, 6 empates e apenas 2 derrotas em 13 jogos, com Telêmaco Frazão de Lima como técnico.

Em 1956, o Brasil de Pelotas realizou uma famosa excursão de três meses de duração pela América do Sul e América Central. Foram 28 jogos, entre 14 de julho e 4 de outubro, passando por Paraguai, Peru, Bolívia, Colômbia, Equador, Panamá, Costa Rica, El Salvador e Honduras. O time obteve 16 vitórias, 6 empates e apenas 6 derrotas. O Flamengo, atual Caxias, viajou em 1961 para a Argentina, onde esteve o Cruzeiro em dezembro de 60 e em abril de 1961, e o São José, em 1972. O Renner esteve no Uruguai, pela primeira vez, em 1955 e o Novo Hamburgo, na época denominado Floriano excursionou ao Uruguai em 1956 e a Argentina na década seguinte.

Em 1961 o Grêmio estreou na Europa, com 12 vitórias, 4 empates e 8 derrotas, em 24 jogos. No ano seguinte, 62, o Grêmio esteve novamente no Velho Mundo e, em 15 jogos, obteve 9 vitórias, dois empates e só quatro derrotas. Na primeira excursão o técnico foi Oswaldo Rolla e na segunda o comandante tático era o ex-zagueiro Ênio Rodrigues.

O Internacional fez a sua primeira excursão à Europa somente em 1973. De lá para cá, o clube colorado conquistou vários torneios no exterior para o futebol gaúcho. O Inter foi campeão do Joan Gamper, na Espanha, em 1982, contra o Barcelona, de Maradona. O Inter ganhou o torneio Costa do Sul, na Espanha, em 83, a Copa Kirin, no Japão, em 84, e o Torneio de Glasgow, na Escócia, em 87, por exemplo.

Estudiantes de La Plata, Independiente, Peñarol, Nacional, Cerro Portenho e vários outros grandes clubes Sul-Americanos estiveram atuando em partidas amistosas no Rio Grande do Sul desde os primeiros anos da década de 10. Flamengo, Palmeiras, São Paulo,

Vasco da Gama, Santos, Corinthians, Botafogo, Bangu, América-RJ, Portuguesa de Desportos e Fluminense estiveram testando a força gaúcha em memoráveis amistosos nos anos 30, 40, 50 e 60. No Rio de Janeiro, a exibição do Rolo Compressor do Internacional, no empate em 2 a 2 com o Flamengo, em 1945, e a vitória de 3 a 1 do Grêmio sobre o mesmo Flamengo, no Maracanã, em 1950, ficaram marcadas na memória esportiva carioca.

OS DOZE EM TREZE

O povo gaúcho sempre cultivou os extremos. É um povo unido, mas com divergências históricas e apaixonadas. No esporte, esta realidade é escancarada pela rivalidade Gre-Nal. Em campo, gremistas e colorados, ao longo do tempo, revezaram-se na hegemonia local. O Inter mandou de 40 a 55, o Grêmio deu o troco nos 13 anos seguintes. O Inter respondeu com os anos 70 e o Grêmio mandou na década de 90. Na "chamada gangorra Gre-Nal", o Grêmio deu as cartas no Estado, de 1956 a 1968, quando conquistou 12 dos 13 campeonatos realizados. Esta série foi denominada os "Doze em Treze" define, no dito do torcedor gremista, o período dos estaduais de 1956 a 1968. Nesta fase, o Grêmio foi pentacampeão, de 56 a 60 e heptacampeão, de 1962 a 1968, superando o hexacampeonato conquistado pelo Internacional na Era do Rolo Compressor. O Hepta tricolor só foi superado pelo octa colorado, em 1976, quando o Inter ganhou oito vezes seguidas, desde 1969, o Gauchão. Se a maior série pertence ao Inter (o octa de 76), o Grêmio mantém o feito de ser o único clube a ganhar 12 campeonatos estaduais em 13.

A construção do estádio Olímpico e a sua inauguração, em setembro de 1954, é um marco para o início da trajetória vitoriosa do Grêmio nesse período. O Grêmio obteve o 1º título da série, em 1956, com 14 vitórias, 2 empates e apenas duas derrotas na Divisão Especial. Na final do Estadual, contra o Pelotas, o campeão do interior, o Grêmio ganhou duas vezes, por 2 a 1 e 3 a 1. O time base teve Sérgio Moacir; Figueiró, Aírton, Calvet e Ênio Rodrigues; Nelci e Milton Kuelle; Hercílio, Gessy, Juarez e Vieira. O Bicampeonato, em 1957, foi ganho em Bagé, no estádio da Pedra Moura, no dia 29 de janeiro, já em 1958. O Grêmio Bagé foi o campeão do interior. O Grêmio Porto Alegre venceu, no Olímpico, por 7 a 0, mas perdeu na Pedra Moura por 3 a 1 e, novamente, em Bagé, venceu por 2 a 0 e conquistou o bicampeonato. O time base sofreu algumas alterações e as principais foram as entradas do goleiro Germinaro e do volante Elton. O tricampeonato da Divisão Especial foi conquistado com uma grande campanha em 58. O Grêmio jogou 24 partidas, ganhou 18, empatou 4 (Cruzeiro 2 vezes, Renner e Flamengo de Caxias) e perdeu apenas 2 (Inter e Aimoré). Na final estadual; perdeu, em Bagé, para o Guarany, por 1 a 0, mas ganhou no Olímpico por 2 a 0 e conquistou o título, com Germinaro (Candinho); Orlando, Aírton, Elton e Ênio Rodrigues; Leo e Milton; Alfredinho (Toquinho/Rudimar), Gessy, Juarez e Vieira. Em 1959, o Grêmio foi Tetracampeão da Divisão Especial e do Estado e representou, como campeão do ano anterior, o Estado na 1ª Taça Brasil, disputada por todos os campeões estaduais. O Grêmio superou o Atlético Paranaense e o Atlético Mineiro, mas foi eliminado pelo Santos, de Pelé. Em 59, a sensação foi o Aimoré, de São Leopoldo, vice-campeão da Divisão Especial, revelando o atacante Mengálvio, que depois seria bicampeão mundial pelo Santos. Em 1960, o Campeonato Gaúcho foi disputado pela última vez no sistema de regiões. Nas finais, estavam Grêmio, Pelotas, 14 de Julho de

Livramento e Nacional, de Cruz Alta. O Grêmio foi campeão invicto, com 5 vitórias e um empate, contra o Pelotas. O título foi confirmado com uma goleada de 7 a 0 sobre o Pelotas.

O GAUCHÃO UNIFICADO

O Federação Rio-Grandense de Futebol resolveu modificar o formato de disputa do Campeonato Gaúcho, a partir de 1961, criando as divisões, com acesso e descenso. O primeiro campeonato teve 12 clubes (atualmente são 18 na 1ª divisão): Grêmio, Internacional, Cruzeiro, São José, Pelotas, Farroupilha, Rio-Grandense de Rio Grande, Guarany de Bagé, Juventude, Flamengo (atual Caxias), Floriano (atual Novo Hamburgo) e Aimoré de São Leopoldo. O Internacional, com a velocidade do ponteiro-direito Cláudio Adão Weiss, o Sapiranga, surpreendeu e conquistou o título com uma rodada de antecipação, com uma vitória sobre o Pelotas, no estádio da Boca do Lobo, por 2 a 1, de virada, com dois gols de Gilberto Andrade, no dia 3 de dezembro, enquanto o Grêmio apenas empatava com o Floriano, no Olímpico, em 1 a 1.

A derrota no estadual de 61 não foi o fim da supremacia tricolor, foi apenas uma trégua. O Grêmio mandaria na década e chegaria, em 1968, ao heptacampeonato, enquanto o Internacional preocupava-se com a construção do Beira-Rio, inaugurado em 4 de abril de 1969. O título de 1962 foi para o estádio Olímpico, em uma das decisões mais dramáticas da história do futebol gaúcho. O Grêmio, do técnico Sérgio Moacir Torres Nunes, no dia 11 de novembro, estava cinco pontos atrás do Inter e empatou com o Cruzeiro, em 2 a 2, no antigo estádio da Montanha (onde hoje está construído o Cemitério XXVIII). Com o empate, o Grêmio ainda seria o campeão daquele ano. No mesmo dia, o Inter perdeu, em Bagé, para o Guarany, por 2 a 0, diminuindo a diferença para quatro pontos. A história começou a mudar naquele campeonato na penúltima rodada. O Inter, do jovem técnico Pedro Ário Figueiró, em pleno estádio dos Eucaliptos, seria campeão se empatasse com o Aimoré, do técnico Carlos Froner, que havia iniciado o ano justamente no Internacional. Porém, com dois gols de Paulo Lumumba, jogador do Grêmio emprestado ao Aimoré, e um de Balzaretti, o time de São Leopoldo venceu por 3 a 1, enquanto o Grêmio goleava o Pelotas, na Zona Sul do Estado, por 4 a 0. Na última rodada, Grêmio venceu o Gre-Nal, no estádio do Internacional, o Eucaliptos, no Menino Deus, por 2 a 0, com dois gols de Marino. O campeonato estava empatado e foi determinado um jogo extra, no Olímpico, para decidi-lo. No dia 7 de fevereiro, já em 1963, o Grêmio derrotou o rival por 4 a 2 e comemorou mais um título. O time campeão: Henrique; Renato, Aírton, Altemir e Ortunho; Elton e Milton; Marino, Joãozinho, Ivo Diogo e Vieira.

Em 1963, na gestão do presidente Renato Souza, o Grêmio obteve o 4º bicampeonato gaúcho da sua história, 18 vitórias, três empates e apenas uma derrota, para o Farroupilha. O herói do ano anterior, o atacante Lumumba, que estava emprestado ao Aimoré retornara ao Olímpico. As outras novidades foram Valério, Áureo e Cleo. O Grêmio seguia com tranqüilidade sua hegemonia. Em 1964 perdeu apenas um jogo, em 1965, foi tetracampeão invicto e em 1966, repetiu o pentacampeonato que havia obtido em 60. O Grêmio queria mais e, no ano seguinte, igualou o hexa colorado da década de 40, mas as vitórias não cessaram. Com Sérgio Moacir de técnico, o Grêmio foi heptacampeão gaúcho. Com Alberto; Altemir, Áureo, Paulo Souza e Everaldo; Cleo (Jadir) e Sérgio Lopes; Babá, João Severiano, Alcindo e Volmir.

A ERA BEIRA-RIO

Enquanto o Grêmio empilhava títulos na década de 60, os colorados torciam por pedreiros, serventes e carpinteiros. O estádio Beira-Rio foi inaugurado em 6 de abril de 1969, mas sua história começou bem antes, em 1956, quando o então vereador Ephraim Pinheiro Cabral, no dia 12 de setembro, apresentou, na Câmara dos Vereadores, um projeto de lei para a doação ao Sport Club Internacional, de uma área de sete hectares, que seriam aterrados do rio Guaíba. O projeto foi aprovado em menos de um mês e em 1958 começou a ser feito o aterro, iniciando as brincadeiras dos gremistas, que diziam que os colorados não comprariam cadeiras, mas sim bóias cativas. A primeira bóia, ou melhor, cadeira cativa do Gigante da Beira-Rio, como preferiam os dirigentes da época, foi adquirida pelo torcedor Egon Bergmann, em 1961, há oito anos da inauguração. No primeiro jogo, contra o Benfica, de Portugal, de Eusébio, Toni, Torres e Praia, o Inter ganhou por 2 a 1, gols de Claudiomiro e Gílson Porto. O Inter, naquele histórico seis de abril de 1969: Gainete; Laurício, Scala, Bibiano Pontes e Sadi; Tovar, Bráulio (Sérgio) e Dorinho; Valdomiro (Urruzmendi), Claudiomiro e Gílson Porto.

A CONQUISTA DO BRASIL

O Inter vinha beliscando o título brasileiro desde o Torneio Roberto Gomes Pedrosa, o Robertão, quando foi vice-campeão em 67 e 68. Com a criação do campeonato nacional de clubes, em 1971, o Inter logo passou a ser respeitado e colocado como candidato ao título, pois ficou, nas 4 primeiras edições, entre os 5 primeiros colocados. O título, enfim, viria em 1975. Com o paulista Rubens Minelli de técnico e um super-time com Manga; Cláudio, Figueroa, Hermínio e Vacaria; Falcão, Caçapava (Jair) e Carpeggiani; Valdomiro, Flávio e Lula. Em 31 jogos, ganhou 20 e perdeu apenas 3. Na semifinal, em pleno Maracanã, ganhou da verdadeira “Máquina Tricolor”, do Fluminense, com Rivelino e tudo, por 2 a 0. A final, em Porto Alegre, no dia 14 de dezembro, foi contra o Cruzeiro-MG e o Inter, campeão, ganhou por 1 a 0, com o gol de cabeça do capitão do time, o chileno Elias Ricardo Figueroa Brander. O Bi, em 76, foi só uma conseqüência. O Inter tinha o melhor time do país. As novidades eram Marinho Perez e Dario e, novamente, perdeu apenas três jogos. Na final, apesar da invasão de 15 mil fanáticos corinthianos, o Inter venceu o Corinthians, no Beira-Rio, por 2 a 0, gols de Valdomiro e Dario.

FAÇANHAS DE UM SUPER-TIME

O super-time colorado começou a surgir com a inauguração do Beira-Rio, oito anos antes, em 6 de abril de 1969, mas apenas o ponteiro-direito Valdomiro participou de todos os 9 títulos estaduais e 3 brasileiros obtidos pelo Inter entre 1969 e 1979. O primeiro, no novo estádio foi o Gauchão de 1969. Na decisão, o Inter jogava pelo empate, contra o Grêmio, heptacampeão, no dia 17 de dezembro. O jovem time colorado, treinado por Daltro Menezes, segurou o tricolor, garantiu o 0 a 0 e comemorou o primeiro, na nova casa. O

time: Gainete; Edson Madureira, Valmir Louruz, Bibiano Pontes e Jorge Andrade; Tovar, Carbone e Dorinho; Valdomiro, Claudiomiro e Sérgio. No bi, em 70, entraram Bráulio Barbosa de Lima, o garoto de ouro, e Sadi Schwerdt. O tri foi comemorado em Bento Gonçalves, com uma vitória sobre o Esportivo, por 2 a 0, jogando com Gainete; Edson madurieira, Bibiano Pontes, Hermínio e Jorge Andrade; Carbone (Tovar), Carpegianni e Bráulio (Sérgio); Valdomiro, Claudiomiro e Dorinho. No tetra, as novidades foram o goleiro Schneider, Figueroa, Escurinho e Volmir. Em 1973, no penta, apareceu o lateral-direito Cláudio Duarte e Dejair entra na meia-esquerda.

No hexacampeonato, em 74, o Inter teve o luxo de ser campeão sem um único empate. O time ganhou todas as 18 partidas que disputou, inclusive o Gre-Nal da última rodada, dia 1º de dezembro, por 1 a 0, gol de Valdomiro, no Beira-Rio, com Manga; Cláudio, Figueroa, Bibiano Pontes e Vacaria; Falcão, Escurinho e Carpeggiani; Valdomir, Sérgio Lima (Claudiomiro) e Lula. O hepta foi confirmado no dia 10 de agosto de 75, com um 1 a 0 sobre o Grêmio, gol de Flávio Minuano, no Beira-Rio, onde também foi comemorado o octa, dia 22 de agosto do ano seguinte, quando venceu o Grêmio por 2 a 0, gols de Lula e Dario.



Único campeão brasileiro invicto.

As façanhas deste supertime foram complementadas em 1979 com o título invicto e único do campeonato brasileiro, até hoje não igualado por outro clube. Em 23 jogos, o Inter, treinado por Ênio Vargas de Andrade, ganhou 16, empatou sete e não perdeu nenhuma. O time-base tinha Benitez; João Carlos, Mauro Pastor, Mauro Galvão e Cláudio Mineiro; Batista, Jair e Falcão; Valdomiro, Bira e Mário Sérgio.

O INTERIOR CHEGA AO BRASILEIRÃO

O futebol gaúcho, desde 1976, teve outros representantes, além da dupla Gre-Nal, nas disputas nacionais. O precursor, além de Grêmio e Inter, foi o Caxias, em 1976. O Rio Grande do Sul brigava, desde 1970, por mais uma vaga no Nacional. A CBD, desde 1971 prometia a terceira vaga. Antônio do Passo, vice-presidente da entidade, chegou a anunciar que o Cruzeiro, de Porto Alegre, seria o terceiro clube gaúcho no Brasileirão de 1974. A informação da CBD gerou um impasse no Rio Grande do Sul e revoltou os clubes do interior, principalmente em Bento Gonçalves e Caxias do Sul, pois o Cruzeiro havia pedido licença e fechado, temporariamente, o seu departamento de futebol profissional em janeiro do ano anterior. Mesmo assim, comunicado pela CBD, o Cruzeiro contratou o técnico Sérgio Moacir Torres Nunes e começou a buscar jogadores, mas os protestos dos dirigentes dos clubes do interior deram resultado e o Cruzeiro foi impedido de disputar o Nacional. Somente em 1976, com o Caxias, é que a CBD confirmou mais um Gaúcho. Na estréia, o Caxias honrou a tradição gaúcha e mostrou que o Estado já merecia a terceira vaga. Com Bagatini; Norival, Cedenir, Luís Felipe Scolari, Clóvis Duarte, Nana, Bebeto, Zezinho, e outros excelentes jogadores, o Caxias fez ótima campanha e chegou a ganhar do Inter, por 2 a 1. O Juventude estreou em 77 e o Brasil, de Pelotas, no ano seguinte. O São Paulo, de Rio Grande, treinado por Ernesto Guedes, em 79, o Novo Hamburgo e o Inter-S.M., em 81, também fizeram excelentes campanhas. No Inter-S.M. os destaques eram os zagueiros Roberto e Donga, o meia Valdo, os ponteiros Guinga e Toninho e o centroavante Nei.

A VEZ DO GRÊMIO

A rivalidade e o desejo obsessivo de igualar e superar as façanhas do outro movem a força de Grêmio e Internacional, os dois pilares do futebol Rio-Grandense. O Grêmio precisa igualar os títulos nacionais do co-irmão. Uma missão difícil, apenas difícil, não impossível. O objetivo começou a ser perseguido com o primeiro título nacional do Grêmio, em 1981. Na final, duelo de tricolor, Grêmio e São Paulo, com o primeiro jogo no Olímpico e o segundo no Morumbi, em São Paulo.

A decisão começou péssima para o tricolor gaúcho. O centroavante Baltazar errou um pênalti e, logo em seguida, Serginho fez 1 a 0 para o São Paulo. Para complicar, o goleiro gremista Émerson Leão, ainda no primeiro tempo, lesionado, teve que ser substituído pelo reserva Remi. No intervalo, o religioso Baltazar, o "artilheiro de Deus", profetizou: "Deus está reservando algo muito bom para mim". Baltazar estava certo e o Grêmio virou o jogo para 2 a 1. Em São Paulo, com o Morumbi lotado, o Grêmio ganhou por 1 a 0. Gol de quem? Do predestinado, iluminado, profeta, Baltazar. Grêmio campeão brasileiro, com Ênio Andrade de técnico e Leão; Paulo Roberto, Newmar, De Leon e Casemiro; China, Paulo Isidoro e Wilson Tadei (Jurandir); Tarciso, Baltazar e Odair (Renato Sá).

A LIBERTADORES É NOSSA....

Para animar o torcedor e criar um clima positivo e favorável para o time, o Grêmio, que não havia feito boa campanha na Taça Libertadores de 82, lançou uma música para a disputa da Libertadores da América de 1983. A letra, cantada em coro pela torcida até os dias de hoje, dizia:...a Libertadores é nossa...vamos com força, vamos com raça, nós somos campeões da América...o nosso time tem garra irmão e a Libertadores é nossa...". O compositor acertou em cheio. O Grêmio foi o campeão da América em 1983. O tricolor havia sido vice-campeão brasileiro de 82, ao perder a finalíssima, no Olímpico, para o Flamengo, por 1 a 0. O Grêmio tentava igualar o número de títulos do Internacional no Brasileirão, mas já obtinha um feito maior, o título Sul-Americano, que o Inter deixou escapar em 1980, quando perdeu a final, por 1 a 0, para o Nacional, em Montevidéu.

A decisão da Libertadores foi contra o Peñarol. No primeiro jogo, no estádio Centenário, em Montevidéu, houve empate em 1 a 1. Na noite de 28 de julho, o estádio Olímpico enlouqueceu com a vitória do Grêmio por 2 a 1, gols de Caio e César para o tricolor e Fernando Morena para os uruguaios. O Grêmio, do técnico Valdir Espinosa, ex-lateral do clube no início dos anos 70, teve Mazaropi; Paulo Roberto, Baideck, De Leon e Casemiro; China, Oswaldo e Tita; Renato, Caio (César) e Tarciso. No ano seguinte, o Grêmio perdeu o título da Libertadores na final, para o Independiente, da Argentina.

O Grêmio disputou 12 jogos, ganhou oito, empatou três e perdeu apenas uma, para o América, em Cáli, na Colômbia, por 1 a 0, no dia 24 de junho. O jogo mais dramático, porém, foi contra o Estudiantes, em La Plata, também pela Segunda fase. O Grêmio vencia por 3 a 1, mas acabou cedendo o empate, após os jogadores terem sido agredidos no túnel de acesso ao gramado. O empate heróico classificou o Grêmio para a decisão.

MUNDO É AZUL

Tóquio, 11 de dezembro, 1983. Porto Alegre, início da madrugada de um domingo. Uma noite e uma madrugada que os Gremistas jamais esquecerão. Que os colorados também não. O Grêmio, do Brasil, do Rio Grande do Sul, de Porto Alegre, conquistava o mundo, simplesmente o mundo. "Nada pode ser maior", como passaram a dizer em coro os tricolores. O Grêmio derrotou o Hamburgo e sagrou-se campeão do Mundo, título oficializado pela FIFA somente agora em 2005, 22 anos depois. No tempo normal houve empate em 1 a 1, mas o Grêmio, com um golaço do genial e genioso Renato Portaluppi, ganhou, o jogo e o título. Renato, aliás, que já havia feito o primeiro gol da partida, mas o Hamburgo havia empatado, com Schröder, aos 41 minutos do 2º tempo. O Grêmio, campeão do Mundo, com Mazzaropi; Paulo Roberto, Baideck, Hugo De Leon e Paulo César Magalhães; China, Oswaldo (Paulo Bonamigo), Paulo César Lima (Caio) e Mário Sérgio; Renato e Tarciso. O técnico era Valdir Espinosa.

O VICE-CAMPEONATO OLÍMPICO

Em 1984, a CBF resolveu convocar o time inteiro do Internacional para a disputa dos Jogos Olímpicos de Los Angeles. O Sele-Inter, como foi chamado, conquistou a medalha de prata, pois perdeu para a França, na final, por 2 a 0. Gilmar Rinaldi; Luís Carlos Winck, Aloísio, Mauro Galvão e André Luís; Ademir Kaeffer; Dunga e Milton Cruz; Paulo Santos, Kita e Silvinho. O único titular colorado que não foi convocado, obviamente, foi o meia-esquerdo uruguaio Rúbem Paz. O técnico convocado foi Jair Picerni e o preparador físico do Inter, Júlio Espinosa. O time titular também tinha o lateral-direito Ronaldo, do Corinthians, o meia Gilmar, do Flamengo e o centroavante Chicão, da Ponte Preta. O Brasil ganhou da Arábia Saudita por 3 a 1, com um gol de Dunga; da Alemanha, por 1 a 0; de Marrocos por 2 a 0, gols de Dunga e Kita. Na Segunda fase, empate em 1 a 1 com o Canadá e vitória nos pênaltis por 5 a 3. Na semifinal, novo empate, 1 a 1, com a Itália, mas vitória por 1 a 0 na prorrogação. Na final, França 2 a 0. A seleção ainda tinha o meia Tonho, ex-Inter e Grêmio.

O XAVANTE É O TERCEIRO MELHOR DO PAÍS

De todas as campanhas de clubes do interior em campeonatos nacionais, até hoje, é a do Brasil de Pelotas, treinador por Walmir Louruz, em 1985. O time Xavante chegou ao terceiro lugar, sendo eliminado pelo Bangu, nas semifinais, no Maracanã, após também perder em Porto Alegre, pois a CBF não permitiu que os jogos das semifinais fosse nos estádios de Brasil e Bangu. A torcida Xavante invadiu Porto Alegre e, com a ajuda de gremistas e colorados, lotou o Olímpico no jogo de ida das semifinais. Um ótimo time montado pelo Brasil. Valente, brigador, formado por: João Luís; Valdoir, Silva, Hélio e Jorge Batata; Doraci, Lívio e Andrezinho; Júnior Brasília, Bira e Zezinho. No ano anterior o Brasil, que fora vice-campeão estadual em 1984, já havia feito boa campanha no Brasileirão. Deste período, a torcida Xavante guarda vitórias memoráveis, como a obtida contra o Flamengo, no Bento Freitas, por 2 a 0.

UMA COPA GAÚCHA

Os clubes do Rio Grande do Sul são os maiores vencedores da Copa do Brasil. O Grêmio, com quatro títulos, é o maior ganhador da Copa do Brasil. O Inter e o Juventude também foram campeões uma vez, cada. A disputa foi introduzida pela CBF em 1989 no calendário nacional. No primeiro ano já deu Grêmio. Nas finais, contra o Sport, 0 a 0 em Recife e 2 a 1 no Olímpico, gols de Assis e Cuca. Grêmio campeão, com Claudio Duarte de técnico: Mazaropi; Alfinete (trasante), Luís Eduardo, Edinho e Hélcio; Jandir, Lino, Cuca e Assis; Almir (nando) e Paulo Egídio.

Em 1992 deu Inter, que ganhou do Fluminense na final, por 1 a 0, no Beira-Rio, com gol de Célio Silva de pênalti, após derrota por 2 a 1 nas Laranjeiras, no Rio de Janeiro.

O Inter, de Antônio Lopes:Fernandez; Célio Lino, Célio Silva, Pinga e Daniel; Márcio (Anderson/Ricardo), Élson, Marquinhos (Silas) e Caíco; Maurício e Gérson (Nando).

Em 1994, no início dos anos de vitória com Luís Felipe Scolari, o Grêmio enfrentou o Ceará na decisão e foi bicampeão. O título foi confirmado com uma vitória por 1 a 0, no Olímpico, gol de Nildo. O time: Danrlei; Ayupe, Paulão, Agnaldo e Róger; Pingo, Jamir, Émerson e Carlos Miguel; Fabinho e Nildo. Em 1997, o Grêmio foi campeão sem vencer nas finais, contra o Flamengo. No Olímpico foi 0 a 0. No Maracanã, o empate em 2 a 2, gols de Carlos Miguel e João Antônio, diante de 95.125 torcedores que pagaram ingressos, deu o título ao Grêmio, de Felipão, e Danrlei; Arce, Rivarola, Mauro Galvão e Róger; Dinho, João Antônio, Émerson e Carlos Miguel; Paulo Nunes e Dauri (Rodrigo Gral). O Grêmio, com o técnico Adenor Bachi, o Tite, seria campeão novamente em 2001, contra o Corinthians nas finais. No Olímpico, 2 a 2. Em São Paulo, no Morumbi, deu Grêmio: 3 a 1. O time: Danrlei; Marinho, Mauro Galvão e Anderson Polga; Ânderson Lima, Tinga, Eduardo Costa, Zinho e Róger (Rubens Cardoso); Luís Mário (Fábio Baiano) e Marcelinho Paraíba.

JUVENTUDE GRANDE DO SUL

O Juventude atingiu a sua maioridade no futebol gaúcho e brasileiro ao conquistar três títulos importantes em 5 anos: campeão da Série B do Brasileirão em 1994, campeão Gaúcho em 1998 e campeão da Copa do Brasil em 1999. O clube, que prima pela organização, está na elite do futebol brasileiro desde 1995. O grande título é o da Copa do Brasil de 1999, com direito a goleada. Nas semifinais, estiveram frente a frente Juventude e Internacional. Em Caxias, houve empate. No Beira-Rio lotado, o Inter era o favorito, mas o Juventude, em noite inspirada de Mabília e companhia, aplicou uma histórica goleada de 4 a 1 e passou à decisão, contra o Botafogo. No estádio Alfredo Jaconi, o Juventude ganhou por 2 a 1, gols de Fernando e Márcio. No Maracanã, diante de 91 mil torcedores, o Juventude segurou o 0 a 0 e garantiu o título e a vaga na Taça Libertadores de 2000. O time campeão, do técnico Walmir Louruz: Émerson; Marcos Teixeira, Capone, Índio e Dênis; Roberto, Flávio, Lauro (Wallace) e Mabília; Maurílio e Márcio (Fernando).



Juventude Campeão da Copa do Brasil(1999).

BICAMPEÃO DA AMÉRICA

O Grêmio conseguiu, em 1995, com o comando do técnico Luís Felipe Scolari, o seu segundo título de campeão da Taça Libertadores da América. Na decisão, o Grêmio enfrentou o Atlético Nacional, de Medellin, na Colômbia. No Olímpico, o Grêmio venceu por 3 a 1. Com uma razoável vantagem, o tricolor viajou para a Colômbia para buscar um empate e o título. O objetivo foi alcançado. Dinho, de pênalti, aos 40 minutos do segundo tempo fez o gol do Grêmio. Os colombianos ainda empataram, mas ninguém mais tirava o bicampeonato Sul-Americano do Grêmio. O jogo terminou 1 a 1 e o Grêmio campeão, com Danrlei; Arce, Rivarola, Adílson e Róger; Dinho, Goiano, Carlos Miguel e Arílson; Paulo Nunes e Jardel. No final do ano, porém, o Grêmio perdeu o título mundial para o Ajax, nos pênaltis, por 4 a 3, após empate em 0 a 0 no tempo normal. No ano seguinte, o Grêmio foi novamente campeão brasileiro. Na final, derrotou a Portuguesa-SP por 2 a 1, no Olímpico.



Grêmio bi-campeão brasileiro(1996)

INTER TETRACAMPEÃO GAÚCHO

O campeonato Gaúcho tomou um novo impulso na gestão do presidente Francisco Noveletto, na Federação Gaúcha de Futebol. Com o apoio de patrocinadores, a entidade consegue pagar as principais despesas e subsidiar os gastos para os clubes da Segunda divisão. No atual momento do Gauchão, o Inter tem a hegemonia. O colorado é Tetracampeão. Em 2002, 2003 e 2004, superou o 15 de Novembro, de Campo Bom, na decisão, Em 2003, o vice-campeão foi a Ulbra. O presidente do Inter, Fernando Carvalho, entra para a história do clube como um presidente tetracampeão estadual, pois está no comando desde 2002. O time campeão de 2005: Clemer; Índio, Edinho e Vinícius; Élder Granja, Tinga, Wellington, Fernandão e Jorge Wágner; Rafael Sobis e Souza.Foi o 36º título estadual do clube.

Bibliografia

OSTERMANN, Ruy Carlos. Meu Coração é Vermelho. Editora Mercado Aberto. 1999.

COIMBRA , David e Noronha , Nico. A História dos Grenais. Artes e Ofícios Editora. 1994

ANUÁRIO PLACAR 2003. Editora Abril. 2003.

JOSÉ NEY, José. Gre-nal, a história de um clássico.1981.

DIENSTMANN, Claudio e Ernesto Denardin, Pedro. Futebol Gaúcho e Gre-Nal. Grande Sul Artes Gráficas. 1994

BRAGA, Kenny. Inter, 90 Anos de Paixão. Já Editores. 2000

PIRES, Edison. Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense, Passado e Presente de um Grande Clube. 1967.

ALVES, Eliseu de Mello. O Futebol em Pelotas. Gráfica Mundial. 1984. Pelotas.

LOPES SOBRINHO, Hermito. Futebol e Reminiscências, Relembrando o Futebol do Passado. Editora Grafos. 1989. Santa Maria.

FILHO, Mario. O Negro no Futebol Brasileiro. Mauad. 2003. 4ª edição.

BUCHMANN, Ernani. Quando o Futebol Andava de Trem. Imprensa Oficial do Paraná. 2002.

SILVA, Cezar. Esporte Clube Cruzeiro, 59 Anos. Gráfica Modelo. 1972.

CONCEIÇÃO, João Batista E.C. 14 de Julho, O Primeiro Rubro-Negro do Brasil. Ébanos Editora. 2002. Santana do Livramento.

RAMOS, Miguel Glaser. S.C. Rio Grande, Centenário do Futebol Brasileiro. Editora da Furg. 2000. Rio Grande.

DIENSTMANN, Cláudio. Campeonato Gaúcho, 68 Anos de História. Editora Sulina. 1987.

HAASE FILHO, Pedro. Brasil nas Copas, Em Destaque a Participação dos Gaúchos. ZH Publicações. 2002.

LOPES DOS SANTOS, Carlos. O Gigante da Beira-Rio. Editora La Salle. 1983.

DIENSTMANN, Cláudio. História de Uma Paixão. LPM. 2002.

DAMIAN, Marco Antônio. O Mais Querido da Cidade, A História do Esporte Clube Gaúcho. UPF. 2000. Passo Fundo.

SALVI SOUTO, Alceu. Esportivo, o Alvi-Azul da Capital Brasileira do Vinho. Tipograf. 1996. Bento Gonçalves.

MICHIELIN, Francisco. Assim na Terra Como no Céu, A História do Juventude. Sagra D.C. Luzzato. 1994. Caxias do Sul.

SORTICA, Júlio. Esporte Clube São José, 90 Anos de Paixão e Glórias de um Grande Clube. Gráfica Brasil. 2003.

BORDIN, Raimundo e DEVINAR, Helio. História Ilustrada do Grêmio. Fascículo nº 5. 1983.

PIRES, Edison; BORDIN, Raimundo e DEVINAR, Helio. Grêmio 70. Fasículos 1, 2, 3, 4 e 6. 1970.

JUNIOR, Amaro. Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul. Gráfica Thurmann. 1957.

REVISTA DO GLOBO, nº 606. Fevereiro de 1954. Porto Alegre-RS.

REVISTA DOS ESPORTES, nº 72. Fevereiro de 1955. Pelotas-RS.

PIRES, Edison; BORDIN, Raimundo e DEVINAR, Helio. Brasil Gigante. Fascículo nº 2. 1970.

REVISTA PLACAR, 80 ANOS DE SELEÇÃO BRASILEIRA. 1994.

REVISTA FEDERAÇÃO GAÚCHA DE FUTEBOL, 76 ANOS E OS MELHORES MOMENTOS. Nova Prova. 1994.